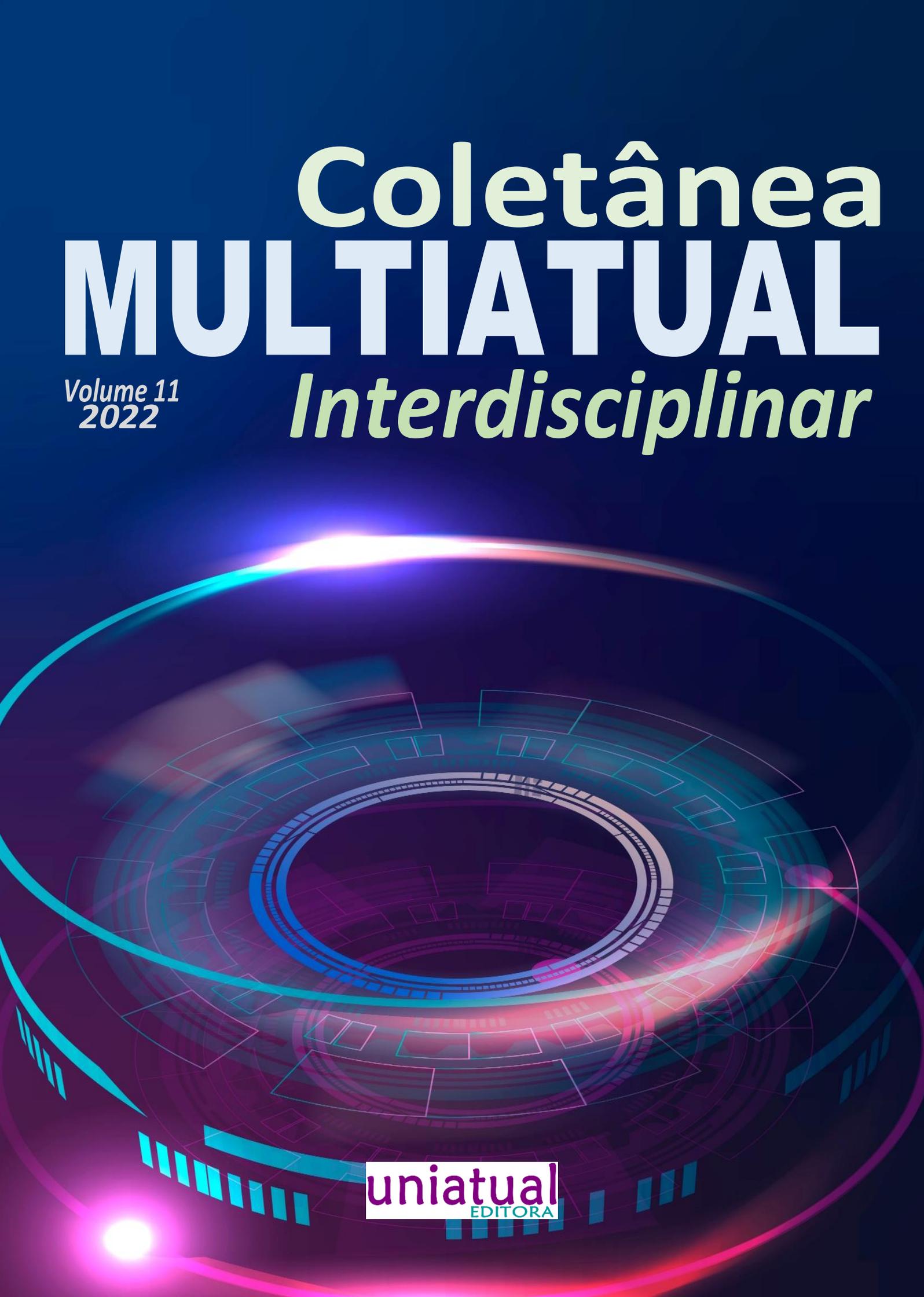


# Coletânea MULTIATUAL

Volume 11  
2022

*Interdisciplinar*

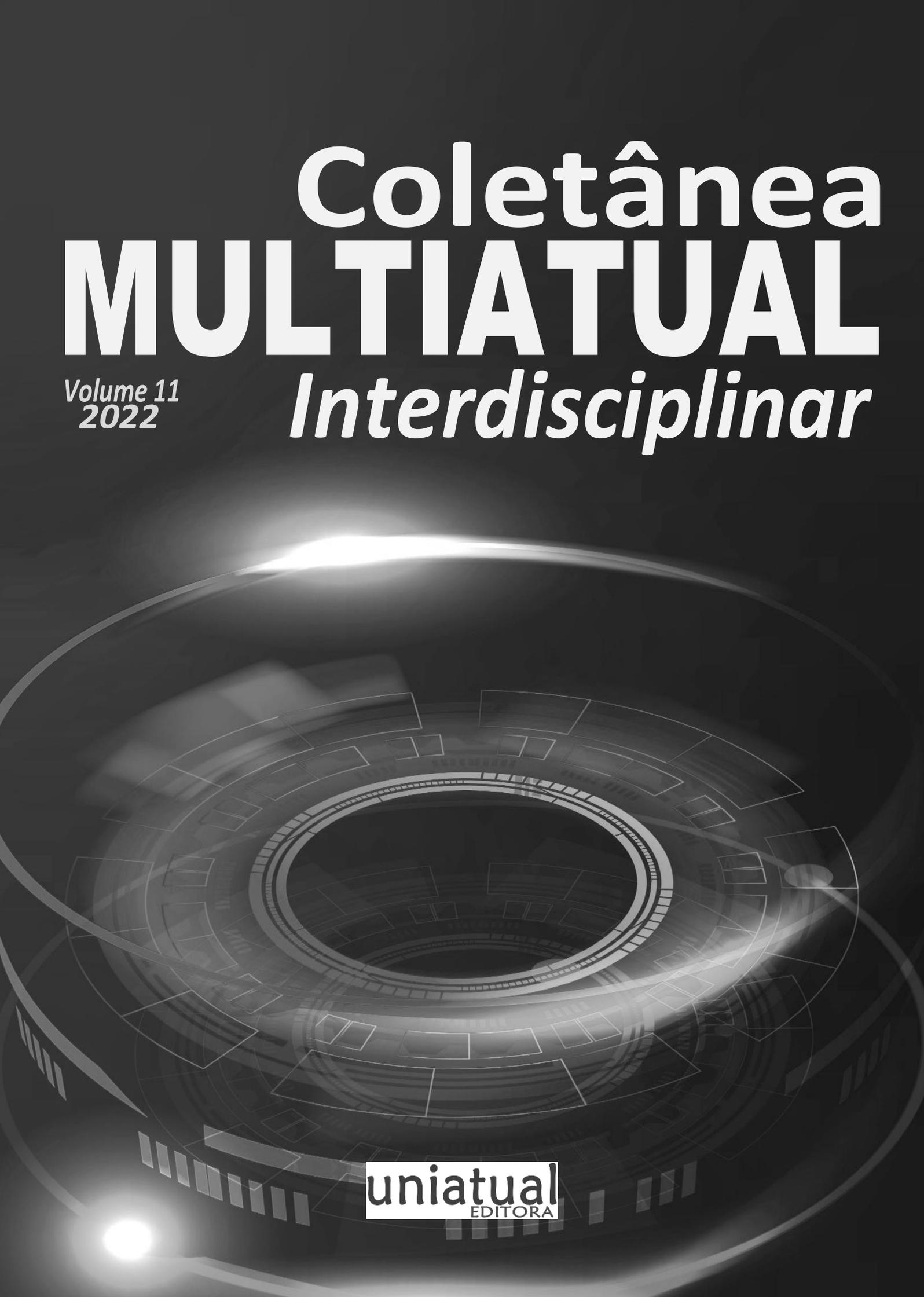


uniatual  
EDITORA

# Coletânea MULTIATUAL

Volume 11  
2022

*Interdisciplinar*



uniatual  
EDITORA

© 2022 – Uniatual Editora

[www.uniatual.com.br](http://www.uniatual.com.br)

universidadeatual@gmail.com

**Organizador**

Jader Luís da Silveira

**Editor Chefe:** Jader Luís da Silveira

**Editoração e Arte:** Resiane Paula da Silveira

**Capa:** Freepik/Uniatual

**Revisão:** Respectiveos autores dos artigos

**Conselho Editorial**

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C694m Coletânea MultiAtual: Interdisciplinar - Volume 11  
/ Jader Luís da Silveira (Organizador). – Formiga (MG): Uniatual Editora, 2022. 99 p.: il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86013-24-5

DOI: 10.5281/zenodo.7293668

1. Coletânea. 2. Multidisciplinar. 3. Saberes. 4. Conhecimentos. I. Silveira, Jader Luís da. II. Título.

CDD: 001.4

CDU: 001

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Uniatual Editora  
CNPJ: 35.335.163/0001-00  
Telefone: +55 (37) 99855-6001  
[www.uniatual.com.br](http://www.uniatual.com.br)  
[universidadeatual@gmail.com](mailto:universidadeatual@gmail.com)  
Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.uniatual.com.br/2022/11/coletanea-multiatual-interdisciplinar.html>



**AUTORES**

**ABA ELBER GEORGE PEREIRA CAVALCANTE  
BETÂNIA MARIA OLIVEIRA DE AMORIM  
GABRIEL DA SILVA  
LAÍNE LOUISE CARVALHO DE ALMEIDA  
LILIANE ALCÂNTARA DE ABREU  
LUDIMILLA SANTANA TEIXEIRA  
MARIA EMÍLIA ALENCAR DE MEDEIROS LUCENA  
MARIA HELENA PEREIRA DE OLIVEIRA ARAÚJO  
SÂNIA MARIA BELÍSIO DE ANDRADE  
WAGNER LUIZ DA COSTA SANTOS  
WILLY VALLENT GOMES DE MELO**

## **APRESENTAÇÃO**

A obra “Coletânea MultiAtual: Interdisciplinar - Volume 11” foi concebida diante artigos científicos especialmente selecionados por pesquisadores da área.

Os conteúdos apresentam considerações pertinentes sobre os temas abordados diante o meio de pesquisa e/ou objeto de estudo. Desta forma, esta publicação tem como um dos objetivos, garantir a reunião e visibilidade destes conteúdos científicos por meio de um canal de comunicação preferível de muitos leitores.

Este e-book conta com trabalhos científicos interdisciplinares, aliados às temáticas das práticas ligadas a inovação, bem como os aspectos que buscam contabilizar com as contribuições de diversos autores. É possível verificar a utilização das metodologias de pesquisa aplicadas, assim como uma variedade de objetos de estudo.

## SUMÁRIO

<p><b>Capítulo 1</b>  <b>INSPEÇÃO VEICULAR - ANÁLISE DE LAUDOS REPROVADOS EM EMISSÃO DE GASES</b>  <i>Aba Elber George Pereira Cavalcante; Sânia Maria Belísio de Andrade</i></p>	<b>8</b>
<p><b>Capítulo 2</b>  <b>TENDÊNCIAS EDUCACIONAIS E O PAPEL DO PROFESSOR: EDUCAÇÃO NA UBIQUIDADE E NO METAVERSO</b>  <i>Wagner Luiz da Costa Santos</i></p>	<b>26</b>
<p><b>Capítulo 3</b>  <b>A IMPORTÂNCIA DAS MULHERES DO #ELENÃO COMO UNIFICAÇÃO SOCIAL PELOS DIREITOS HUMANOS</b>  <i>Ludimilla Santana Teixeira; Liliane Alcântara de Abreu</i></p>	<b>37</b>
<p><b>Capítulo 4</b>  <b>O TRABALHADOR ESCRAVO E SUAS CONQUISTAS ENQUANTO DOMÉSTICO AO LONGO DO TEMPO</b>  <i>Gabriel da Silva</i></p>	<b>71</b>
<p><b>Capítulo 5</b>  <b>TENDA DO CONTO: PROFESSORES E RETALHOS DAS SUAS REALIDADES NA PANDEMIA DA COVID-19</b>  <i>Maria Helena Pereira de Oliveira Araújo; Láine Louise Carvalho de Almeida; Maria Emília Alencar de Medeiros Lucena; Willy Vallent Gomes de Melo; Betânia Maria Oliveira de Amorim</i></p>	<b>82</b>
<b>AUTORES</b>	<b>96</b>

**Capítulo 1**

**INSPEÇÃO VEICULAR - ANÁLISE DE LAUDOS  
REPROVADOS EM EMISSÃO DE GASES**

*Aba Elber George Pereira Cavalcante*

*Sânia Maria Belísio de Andrade*

## INSPEÇÃO VEICULAR - ANÁLISE DE LAUDOS REPROVADOS EM EMISSÃO DE GASES

***Aba Elber George Pereira Cavalcante***

*Graduando em Engenharia Mecânica pelo Centro Universitário Maurício de Nassau-  
UNINASSAU- Natal/RN.*

***Sânia Maria Belísio de Andrade***

*Docente no Centro Universitário Maurício de Nassau-UNINASSAU-Natal/RN,  
Doutorado e Mestrado em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal do Rio  
Grande do Norte- UFRN, Graduação em Engenharia Têxtil pela Universidade  
Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, Graduação em Secretariado Executivo pela  
Faculdade de Ciências Cultura e Extensão do Rio Grande do Norte - FACEX,  
Especialização em Cooperativismo pela Universidade Federal do Rio Grande do  
Norte – UFRN e Graduação (incompleta) em administração pela Universidade  
Potiguar-UNP*

*E-mail: saniaandrade33@gmail.com*

**Resumo:** A inspeção veicular é o termo genérico para a avaliação realizada em veículos terrestres, verificando suas condições de conservação, manutenção e entre outras. As inspeções de segurança veiculares devem ser feitas de acordo com os critérios descritos nos regulamentos técnicos da qualidade do INMETRO – RTQ 24. A coleta dos laudos de emissão de gases veiculares foi realizada na empresa Inspetrans- Instituto de Pesquisa Engenharia e Transporte LTDA, localiza-se na Av. Interventor Mário Câmara, 3707 - Cidade da Esperança, Natal – RN. Desde 2003 atua na área de inspeção veicular. As inspeções foram realizadas especificamente em veículos reprovados nos combustíveis Flex e GNV, conforme a resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente CONAMA - 1986, Nº 418 de 25 de novembro de 2009 e também a instrução normativa do IBAMA nº 6 de 08 de junho de 2010, que traz procedimento de realização dos ensaios e limites para os valores encontrados de CO corrigido e HC corrigido. Identificou-se que 90% das reprovações são referentes ao combustível Flex e apenas 10% das reprovações são referentes ao GNV. Foi possível identificar que a falta de manutenção preventiva nos veículos automotores contribuí para o aumento dos níveis de emissão de poluentes, pois após reprovados e quando retornam para reavaliação com a manutenção corretiva efetuada conseguem atingir os limites de aprovação diminuindo os níveis de poluentes.

**Palavras-chave:** Inspeção. Laudos. Gases. Inspetrans.

**Abstract:** The vehicle inspections the generic term for the evaluation performed in land vehicles, checking its conservation conditions, maintenance and others. Vehicle safety inspections must be carried out in accordance with the criteria described in INMETRO's technical quality regulations - RTQ 24. The collection of vehicle gas emission reports was carried out at the company Inspetrans- Research Institute Engineering and Transport LTDA, located at Av. Interventor Mário Câmara, 3707 - Cidade da Esperança, Natal – RN.. Which has been operating since 2003, in the area of vehicle inspection. Inspections were carried out specifically on disapproved vehicles in Flex and GNV fuels according to the resolution of the National Council for the Environment CONAMA - 196, N. 418 of November 25, 2009 and also a normative instruction of IBAMA N. 6 of June 2010, which brings the procedure for carrying out the tests and limits for the values found corrected CO and corrected HC. It was identified that 90% of the disapprovals are references to Flex fuel and only 10% of the disapprovals are references to GNV. It was possible to identify that the lack of preventive maintenance in motor vehicles contributed to the increase in pollutant emission levels, because after failing and when return for reassessment with corrective maintenance performed, are able to reach the approval limits, reducing pollutant levels.

**Keywords:** Inspection. Reports. Gases. Inspetrans.

## 1. INTRODUÇÃO

Os veículos automotores são um dos grandes responsáveis pela poluição atmosférica das grandes cidades. A emissão de poluentes gerados por veículos automotores, movidos a combustível (fósseis), tem deteriorado severamente o meio ambiente. Cerca de 40% da poluição atmosférica é proveniente da queima de combustíveis fósseis em veículos automotores, devido sua queima incompleta (ASSUMPÇÃO *et al.*, 2000).

Tais dados são referenciados pela portaria nº 30 de janeiro de 2004 que no seu item 7.3.8.5, traz como obrigatoriedade a emissão de gases poluentes nos veículos automotores que sofrem alteração de suas características ou quando forem realizar a inspeção obrigatória anual para veículos movidos a Gás Natural Veicular (GNV), a resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente CONAMA Nº 418 de 25 de novembro de 2009 e também a instrução normativa do IBAMA nº 6 de 08 de junho de 2010 traz todo o procedimento de como se deve realizar a inspeção e requisitos que o veículo deve apresentar no ato da inspeção.

Diante da atual situação mundial com relação às várias formas de poluição ao meio ambiente, há cada vez mais, grande necessidade de preservação.

Esse trabalho refere-se às análises de gases coletados no organismo de inspeção veicular (Inspetrans), localizado na Av. Interventor Mário Câmara, 3707 - Cidade da Esperança, Natal - RN, cep: 59070-600, telefone (84) 3605-9000. As coletas foram realizadas durante as inspeções de renovação anual de certificado veicular ou da inspeção inicial dos veículos que instalaram GNV. O objetivo do estudo exclusivamente nos veículos movidos a combustível líquido (gasolina e etanol) e GNV, justifica-se no combustível líquido, em caso de situação Flex, quando seleciona-se no programa de análise de gases, esse padrão será utilizado pois não há como certificar que o veículo está com gasolina, com etanol ou uma mistura dos dois combustíveis. Tais informações são relevantes para o resultado da análise devido influenciar nos valores de referência para aprovação.

Como procedimento durante a inspeção utilizou-se um analisador de gases de marca Sun, modelo PGA-500, com o veículo em marcha lenta e a 2500 rpm aproximadamente, sendo o ensaio inicial no combustível GNV e em seguida no combustível líquido. Foram analisados apenas os laudos de veículos reprovados com uso de gases nos combustíveis Flex e GNV coletados no Inspetrans.

Foi identificada como causa da poluição, a falta de manutenção veicular, por análise das situações referente às reprovações veiculares nas inspeções realizadas, agregando resultados satisfatórios de contribuição para a pesquisa, bem como em todo processo envolvido, principalmente no fator redução de poluição veicular e conscientização. Pois; quando retornam para reavaliação com a manutenção corretiva efetuada conseguem atingir os limites de aprovação diminuindo os níveis de poluentes.

## **2. INSPEÇÃO VEICULAR**

A inspeção veicular é o termo genérico para a avaliação realizada em veículos terrestres, verificando suas condições de conservação, manutenção e entre outras. De acordo com a portaria nº 30 de 22 de janeiro de 2004, todo e qualquer veículo rodoviário automotor só poderá trafegar após a comprovação de atendimento aos requisitos e condições de segurança veicular estabelecidos no Código de trânsito Brasileiro – CTB, baseado nisso cabe as entidades credenciadas pelo Inmetro comprovar a segurança dos veículos rodoviários automotores, nos termos dos regulamentos técnicos do Inmetro pertinentes. Desta forma as inspeções

de segurança veiculares devem ser feitas de acordo com os critérios descritos nos regulamentos técnicos da qualidade do Inmetro – RTQ 24.

A RTQ-24 basear-se dentre outras resoluções na NBR 14040: Inspeção de segurança veicular - Veículos leves e pesados:

Parte 1 Diretrizes básicas;

Parte 2 Identificação;

Parte 3 Equipamentos obrigatórios e proibidos;

Parte 4 Sinalização;

Parte 5 Iluminação;

Parte 6 Freios;

Parte 7 Direção;

Parte 8 Eixos e suspensão;

Parte 9 Pneus e rodas;

Parte 10 Sistemas e componentes complementares;

Parte 11 Estação de inspeção de segurança veicular.

A partir do item 7.3 na RTQ 24 descreve a sequência dos itens que serão inspecionados:

- Equipamentos obrigatórios e proibidos.
- Sinalização.
- Iluminação.
- Freios. ARIAL (12) e espaçamento 1,5 em todo o texto.
- Direção.
- Eixos e suspensão.
- Pneus e rodas.
- Sistemas e componentes complementares.

No item 7.3.8.5 da TRQ-24 sistema de exaustão dos gases passa a descrever quais os procedimentos iniciais para inspeção de análise de gases. Posicionar o veículo em um elevador ou fosso para verificar se existe corrosão no escapamento ou fuga de gases, o veículo deve estar em funcionamento e verificar se existe a condição de mangueira de retorno dos gases do cárter.

O sistema de escapamento não pode apresentar fuga de gases, por furos ou juntas de vedação danificadas que permitam vazamentos de gases.

Os veículos que sofreram algum tipo de modificação no sistema de escapamento e nos veículos de fabricação artesanal verificar a emissão de gases poluentes, de acordo com a legislação vigente. São considerados reprovados os veículos que apresentarem os seguintes itens:

- Corrosão acentuada.
- Vazamento de gases.
- Fixação deficiente.
- Nível de ruído não conforme.
- Nível de emissão de gases poluentes ou opacidade, no caso de veículos do ciclo diesel, não conforme.

### **3. INSPETRANS**

A Inspetrans – Instituto de Pesquisa Engenharia e Transporte LTDA atua desde 2003, na área de inspeção veicular, localizado na Av. Interventor Mário Câmara, 3707 - Cidade da Esperança, Natal - RN, cep: 59070-600, telefone (84) 3605-9000.

Desde a sua fundação já atendeu mais de 100.000 clientes. É uma empresa acreditada pelo INMETRO – Instituto Nacional de Metrologia Normalização e Qualidade Industrial e licenciada pelo DENATRAN – Departamento Nacional de Trânsito, que atua de acordo com o sistema de gestão da qualidade NBR ISSO 17020 e NBR 14040, regulamentações do CONMETRO, INMETRO, CONTRAN e DENATRAN.

Seu corpo técnico é formado por 2 engenheiros mecânicos responsáveis, sendo um permanente e outro substituto, 4 técnicos em mecânica, 3 auxiliares de escritório e 1 gestor da qualidade. O Inspetrans realiza inspeções iniciais e periódicas em veículos movidos a GNV, em veículos sinistrados, que sofreram algum dano devidos colisão; veículos fabricados artesanalmente ou modificados como, por exemplo: substituição de carroceria para caminhões.

Incluso também quando necessita troca de combustível, aumento da capacidade de passageiros, laudos técnicos como: inspeção para ANTT, DER, SETUR, dentre outros.

#### 4. ANÁLISES DE GASES POLUENTES PARA MOTORES DO CICLO OTTO

Os gases poluentes para motores do ciclo Otto são gases emitindo pelos veículos rodoviários automotores durante o seu funcionamento em virtude de uma queima incompleta de combustível, já os motores do ciclo Otto são assim chamados, pois o ciclo termodinâmico que representa o funcionamento de motores de combustão interna, popularmente conhecidos como motores a explosão, (CONAMA, 2009).

As análises realizadas em veículos com motores do ciclo Otto referem-se aos ensaios de análises de gases poluentes com analisador de gases.

Essas análises são realizadas conforme a resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente CONAMA - 1986, Nº 418 de 25 de novembro de 2009 e a instrução normativa do IBAMA nº 6 de 08 de junho de 2010 que traz limites máximos para os gases de CO corrigido e HC corrigido de diluição e da velocidade angular medidos nos escapamentos dos veículos do ciclo OTTO, conforme Tabela 1 e Tabela 2 abaixo:

Tabela 1. Tabela limites de CO corrigido em marcha lenta e a 2500 rpm

Ano de fabricação	Limites de CO <sub>corrigido</sub> (%)			
	Gasolina	Álcool	Flex	Gás Natural
Todos até 1979;	6,0	6,0	-	6,0
1980 - 1988	5,0	5,0	-	5,0
1989	4,0	4,0	-	4,0
1990 e 1991	3,5	3,5	-	3,5
1992 - 1996	3,0	3,0	-	3,0
1997 - 2002	1,0	1,0	-	1,0
2003 a 2005	0,5	0,5	0,5	1,0
2006 em diante	0,3	0,5	0,3	1,0

Fonte: resolução CONAMA 418/2019.

Tabela 2. Tabela limites de HC corrigido em marcha lenta e a 2500 rpm

Ano de fabricação	Limites de HC <sub>corrigido</sub> (ppm de hexano)			
	Gasolina	Álcool	Flex	Gás Natural
Até 1979;	700	1100	-	700
1980 - 1988	700	1100	-	700
1989	700	1100	-	700
1990 e 1991	700	1100	-	700
1992 – 1996	700	700	-	700
1997 - 2002	700	700	-	700
2003 a 2005	200	250	200	500
2006 em diante	100	250	100	500

**Fonte:** resolução CONAMA 418/2019.

O fator diluição dos gases de escapamento para veículos do ciclo OTTO deve ser igual ou inferior a 2,5. Em casos em que esse valor for inferior a 1,0 deve-se considerar o valor de 1,0 para efeito de cálculos do CO corrigido e HC corrigido.

CO: monóxido de carbono contido nos gases de escapamento;

CO corrigido: valor medido do monóxido de carbono com a correção do fator diluição dos gases amostrados, conforme fórmula 1.

$$CO_{\text{corrigido}} = \frac{15}{(CO + CO_2)_{\text{medido}}} \times CO_{\text{medido}}$$

HC corrigido: valor medido de HC com a correção do fator diluição dos gases amostrados, conforme fórmula 2.

$$HC_{\text{corrigido}} = \frac{15}{(CO + CO_2)_{\text{medido}}} \times HC_{\text{medido}}$$

Como referência para cálculo do fator de diluição dos gases de escapamento: razão volumétrica de diluição da amostra de gases de escapamento devida à entrada de ar no sistema, utiliza-se fórmula 3 e 4.

Veículos movidos a etanol e gasolina

$$F_{\text{dilução}} = \frac{15}{(CO + CO_2)_{\text{medido}}}$$

Veículos movidos a GNV

$$F_{\text{dilução}} = \frac{12}{(CO + CO_2)_{\text{medido}}}$$

O sistema PCV: é o sistema de ventilação positiva dos gases do cárter, que direcionam os gases que ficam acumulados no cárter novamente para a câmara de combustão para serem queimados durante o ciclo de combustão do motor.

O sistema EGR: é o sistema instalado no escapamento do veículo que direcionam os gases do escapamento para a câmara de combustão, com o objetivo de reduzir a emissão de gases poluente.

O cânister: é um filtro de carvão ativo que leva vapor de combustível gerado no tanque de combustível para a câmara de combustão.

O catalisador: é um converso catalítico instalado no escapamento do veículo com a função de reduzir a emissão de gases poluentes, convertendo o monóxido de carbono e hidrocarboneto em dióxido de carbono.

A sonda lambda: é um sensor instalado de forma medir os gases que saem após a combustão, medindo a quantidade de oxigênio está presente nos gases para controlar a mistura ar combustível de forma a manter a mistura ideal de combustível e oxigênio.

## 5. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para obtenção dos laudos de emissões de gases veiculares reprovados contemplaram especificamente veículos com motores do ciclo OTTO. Na empresa Inspectrans realizou-se ensaios de análises de gases poluentes com analisador de gases da marca Sun, modelo PGA-500PG que apresenta certificado de calibração e encontra-se em conformidade com as normais do INMETRO.

Seu banco de gases utiliza tecnologia infravermelha não dispersiva que possibilita a medição de gases com alta precisão, onde permitiu por sistema de

filtros primários e secundários a retenção das impurezas da amostra, resultando em uma maior confiabilidade das medições.

Utilizou-se como ferramentas de análise a planilha Excel, conforme Figura 1 contemplando os valores de HC corrigido, CO corrigido e fator diluição, sendo esses valores nos dois combustíveis (líquido/GNV) e em RPM baixa e alta.

Figura 1: planilha

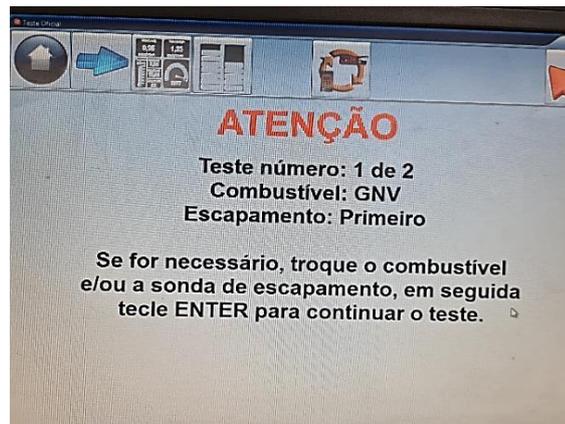
ANO	CO CORRIGIDO % VOL. ENY LENTA	CONDIÇÃO	CO CORRIGIDO % VOL. GNV 2500RPM	CONDIÇÃO	CO CORRIGIDO % VOL. FLU LENTA	CONDIÇÃO	CO CORRIGIDO % VOL. FLUX 2500RPM	CONDIÇÃO	FATOR D
2014	0,91		0,94		4,71	1,00	5,72	1,00	
2016	0,74		0,75		0,66	1,00	0,66	1,00	
2019	1,25	1	0,87		0,87		0,85		
2013	0,91		0,91		3,18	1,00	3,19	1,00	
1993	0,77		0,75		2,81	1,00	2,43	1,00	
2019	0,97		0,96		0,67	1,00	1,24	1,00	
2007					4,74	1,00	5,85	1,00	
2011	0,96		0,99		0,38	1,00	0,35	1,00	
2014	0,79		0,65		0,66	1,00	0,70	1,00	
2008	0,55		0,59		1,80	1,00	0,58	1,00	
2008	0,75		0,72		1,57	1,00	1,85	1,00	
2004	0,29		0,75		1,75	1,00	0,83	1,00	
2006	0,72		0,72		0,88	1,00	0,82	1,00	
2019	0,24		0,24		9,18	1,00	0,11		
2013	0,91		0,91		0,49	1,00	0,52	1,00	
2014	2,56	1	0,87		0,09		0,14		
2004	0,79		0,09		1,17	1,00	1,19	1,00	
2008	0,79		0,87		0,14		0,22		
2019	0,91		0,84		1,18	1,00	1,30	1,00	

Fonte: autor

## 6. INÍCIO DA INSPEÇÃO

Para iniciar o teste foi verificado qual tipo de combustível encontrava-se no veículo no atual momento da análise. Se o veículo estava com GNV, seguia o procedimento de instrução do programa, conforme apresentado na Figura 2, com inserção da sonda no escapamento do veículo, Figuras 3 e 4.

Figura 2. Início de testes



Fonte: autor

Figura 3. Etapa de inserir sonda no escapamento



Fonte: autor

Figura 4. Sonda inserida no escapamento



Fonte: autor

Após aguardar o tempo de resposta para leitura dos gases iniciava-se a aceleração do veículo em uma faixa de rotação entre 2300 a 2700 rpm, mantendo nessa rotação por um período de 30 segundos. Em seguida da desaceleração, aguardava-se em marcha lenta, mais 30 segundos, Figuras 5 e 6.

Figura 5. Etapa de desacelerar o veículo



Fonte: autor

Figura 6. Etapa mantendo o veículo em marcha lenta por 30 segundos



Fonte: autor

Nesse procedimento avaliou-se o combustível GNV tanto na marcha lenta quanto na alta. Sendo o veículo aprovado no GNV dava início ao teste no combustível líquido. Inicialmente mudava o combustível para o líquido, em seguida retirava-se a sonda do escapamento para ser realizada a descontaminação do escapamento e assim retirada de resíduos do combustível GNV para não interferir no teste.

## COLETÂNEA MULTIATUAL: INTERDISCIPLINAR

Essa descontaminação foi realizada em uma faixa de aceleração entre 2300 a 2700 rpm, com duração de 30 segundos. Somente passado esse tempo recolocava-se a sonda novamente no escapamento.

Concluído a descontaminação iniciava-se o teste no combustível líquido, mesmo procedimento do combustível GNV, onde acelera-se o veículo por 30 segundos em uma faixa de rotação 2300 a 2700 rpm, Figura 7 em seguida mantém-se o veículo em marcha lenta por 30 segundos, Figura 8..

Figura 7. Etapa de manter aceleração por 30 segundos



Fonte: autor

Figura 8. Etapa de manter o veículo em marcha lenta por 30 segundos



Fonte: autor

Depois desse tempo realizava-se a retirada da sonda do escapamento para finalizar o ensaio com disponibilidade do resultado.

## 7. RESULTADOS

305 laudos foram obtidos de emissões de gases veiculares reprovados. Os resultados conforme reprovações estão na Tabela 3.

Tabela 3: estatística de reprovações

ESTATISTICA DE REPROVAÇÕES				
tipo de combustível	quantidade de reprovações	% acumulad	%	
Coc marcha lenta flex	276	33%	33%	
Coc marcha alta flex	241	62%	29%	
HCc marcha lenta flex	130	77%	16%	
HCc marcha alta flex	106	90%	13%	
Coc marcha lenta gnv	35	94%	4%	
Coc marcha alta gnv	26	97%	3%	
HCc marcha lenta gnv	16	99%	2%	
HCc marcha alta gnv	6	100%	1%	

Fonte: autor

Onde 33% das reprovações são referentes ao CO corrigido marcha lenta no combustível Flex, 29% das reprovações referentes ao CO corrigido, marcha alta no combustível Flex, 16% das reprovações referentes ao HC corrigido marcha lenta no combustível Flex, 13% das reprovações são referentes ao HC corrigido, marcha alta no combustível Flex, 4% das reprovações referentes ao CO corrigido, marcha lenta no combustível GNV, 3% das reprovações referentes ao CO corrigido, marcha alta no combustível GNV, 2% das reprovações referentes ao HC corrigido, marcha lenta no combustível GNV, 1% das reprovações é referente ao HC corrigido, marcha alta no combustível GNV.

Pode-se identificar pelo percentual acumulativo 62% das reprovações são referentes à emissão dos gases CO corrigido no combustível Flex; o que mostra uma combustão incompleta ou parcial do combustível, caracterizando mistura, excesso de combustível ou falta de oxigênio nas suas proporções.

## COLETÂNEA MULTIATUAL: INTERDISCIPLINAR

90% das reprovações fazem referência aos gases CO corrigido e HC corrigido no combustível Flex, que no caso do HC corrigido também mostra uma combustão incompleta ou parcial do combustível, tendo como causas: cabos de alta tensão defeituosos, baixa pressão nos cilindros, velas com folgas inadequadas, velas carbonizadas, bobinas de ignição com defeito, catalizador ineficiente ou defeituoso, ou seja, 90% das reprovações são no combustível Flex, ficando apenas responsável pelas reprovações no combustível GNV com 10%, conforme o modelo do resultado de análise, Figura 9 e gráfico na Figura 10.

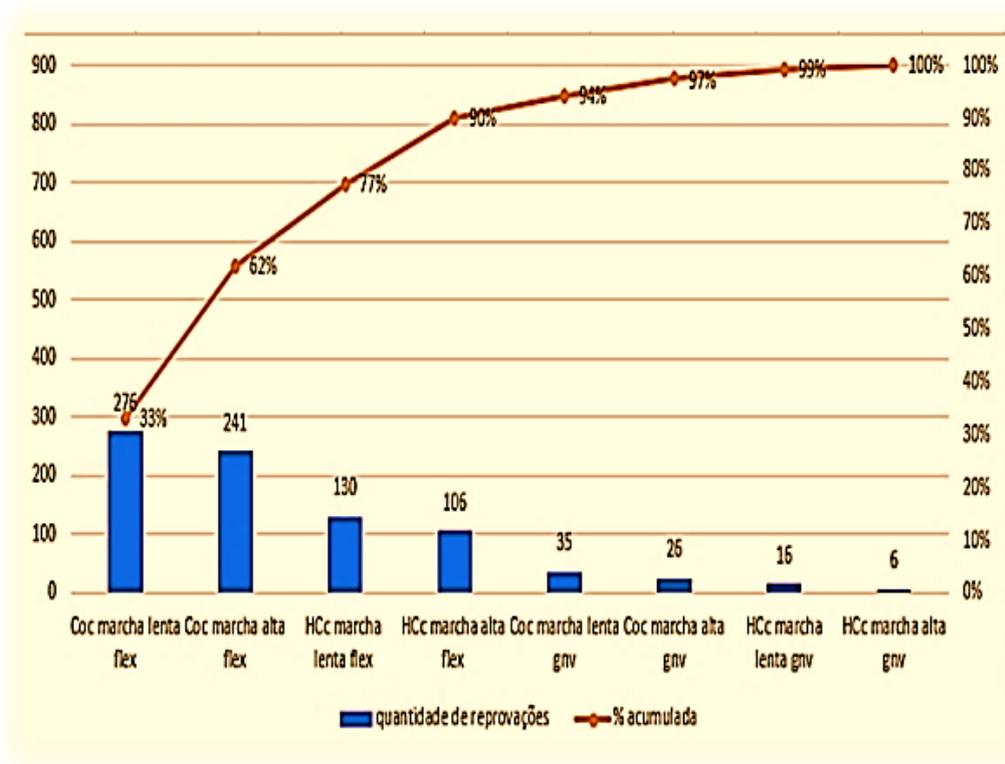
Figura 9: Resultado de análise

 <b>PGA-500</b> Analisador de Gases		<b>INSPETRANS</b> AV INTERVENTOR MARIO CAMARA, 3707 NATAL- RN - Fone: (84) 3655-5000 inspetrans@hotmail.com T2871119		
<b>RESULTADO: VEÍCULO REPROVADO</b>				
Cliente: NATANAEL Bairro: ND CEP: nd		Endereço: ND Cidade: ND - ND Telefone: ND		
Marca: FIAT Veículo: SIENA Modelo: 1.4 TETRAFUEL Ano Fab.: 2011 Placa: NRV-0661	Km Atual: 605308 Chassi: ND Comb.: GNV/Flex Tipo Ignição: Dupla Escapamento: Único	Rotação: 600 a 1200 / 2300 a 2700 RPM Variação Max. Rotação: 200 RPM Proc. Inspeção: 20/09/2022 Máquina: 001		
ITEM DE INSPEÇÃO	LIMITES	MARCHA LENTA	2500 RPM	RESULTADO
<b>Escapamento: f</b>				
<b>Combustível: GNV</b>				
CO corrigido % vol.	1,00	0,84	0,82	APROVADO
Fator Diluição	2,50	1,04	1,07	APROVADO
HC corrigido (ppm vol.)	500	084	096	APROVADO
CO % vol.	---	0,81	0,77	---
CO2 % vol.	---	12,70	10,49	---
HC bruto (ppm vol.)	---	081	052	---
Temperatura do óleo °C	---	84	84	---
Rotação/Var. do Motor (RPM)	1140/600	1140/600	2401	APROVADO
<b>Escapamento: f</b>				
<b>Combustível: Flex</b>				
CO corrigido % vol.	0,30	0,49	0,33	REPROVADO
Fator Diluição	2,50	1,03	1,05	APROVADO
HC corrigido (ppm vol.)	100	018	019	APROVADO
CO % vol.	---	0,48	0,50	---
CO2 % vol.	---	14,10	13,74	---
HC bruto (ppm vol.)	---	017	018	---
Temperatura do óleo °C	---	84	84	---
Rotação/Var. do Motor (RPM)	940/200	940/200	2443	APROVADO
Operador: Snap-on      Versão do Software: 3.3.1.4      Página: 1 de 1      Teste: 016603				

Fonte: autor

Os resultados foram disponibilizados no diagrama de Pareto como recurso gráfico para estabelecer as causas e defeitos em ordem de acontecimentos que mais reprovaram durante as inspeções Sendo assim possível identificar a maior concentração das ocorrências.

Figura 10: Gráfico estatístico



Fonte: autor

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi encontrado no resultado a partir da metodologia utilizada tem-se:

- CO corrigido no combustível Flex é responsável por 62% das reprovações;
- HC corrigido no combustível Flex é responsável por 28% das reprovações;
- O combustível Flex é responsável por 90% das reprovações;
- O combustível GNV é responsável por 10% das reprovações;

Conforme portaria nº 30 de janeiro de 2004 que no seu item 7.3.8.5, traz como obrigatoriedade a emissão de gases poluentes nos veículos automotores que sofrem alteração de suas características ou quando forem realizar a inspeção obrigatória anual para veículos movidos a Gás Natural Veicular (GNV), onde a partir do que foi encontrado no resultado tem-se como sugestão para uma futura revisão da legislação a obrigatoriedade de todos os veículos do ciclo OTTO movidos outro

estudo para identificar a partir de quanto tempo de uso da data de fabricação do veículo seria essa obrigatoriedade válida, pois o combustível Flex é responsável pela maior parte das reprovações.

É comprovado que o alto índice de reprovação no combustível Flex ocorra em virtude dos proprietários somente utilizarem o combustível GNV, em virtude do preço em relação ao combustível Flex, não dando a devida manutenção periódica nos veículos, quando se trata em relação ao combustível líquido.

O alto índice de reprovações no CO corrigido em relação ao HC corrigido muito se dá provavelmente como fuga de corrente pelos cabos de velas, bobinas com desgastes dentre outras. É notado assim que todos os veículos que foram reprovados apresentam mistura rica, ou seja; excesso de combustível ou falta de oxigênio.

Como forma para minimizar essas reprovações e redução da poluição causada pelos veículos durante os ensaios, uma manutenção preventiva sendo efetuada conforme manual do fabricante do veículo daria um ótimo resultado, tendo em vista que quando os veículos retornam após serem reprovados para realizarem novas análises e com a devida manutenção realizada conseguem passar no ensaio, o que comprova que uma manutenção preventiva realizada garante a redução de poluição.

## REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, J. L. A., QUELHAS, O. L. G., LIMA, G. B. A., SOUZA, O. E. de. **Poluição por veículos automotores**, 2000. UFF –CTC – LATEC.

**Catalisador:** pra que serve? Do que é feito? Disponível em:

<<https://www.noticiasautomotivas.com.br/catalisador-para-que-serve/>> Acesso em 2 de dezembro de 2021.

CONAMA, **RESOLUÇÃO 418**, de 25 de novembro de 2009. Disponível em:

<<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=111051>> Acesso em 22 de fevereiro de 2022.

IBAMA, **Instrução Normativa IBAMA 06**, de 08 de junho de 2010. Disponível em:

<<https://www.ibama.gov.br/component/legislacao/?view=legislacao&legislacao=115898>> Acesso em dezembro de 2021.

INMETRO: Portaria nº 30 de 22 de janeiro de 2004. **Regulamentos Técnicos Metrológicos e de Avaliação da Conformidade**. Disponível em:

[http://www.inmetro.gov.br/legislacao/detalhe.asp?seq\\_classe=1&seq\\_ato=880](http://www.inmetro.gov.br/legislacao/detalhe.asp?seq_classe=1&seq_ato=880)>  
Acesso em 5 de fevereiro de 2022.

MANAVELLA, Humberto José. **Eletrônica Embarcada Veicular Transmissão Automática** - ABS/TC - Direção Dinâmica - Suspensão Pilotada - Estabilidade Eletrônica Veicular. 24 cap. 2006.

PGA 500-**Analisador de Gases- SUN**. Disponível em: <<https://br.sun-workshopsolutions.com/pt-br/p/pga-500>>. Acesso em 2 de maio de 2022.

## **Capítulo 2**

# **TENDÊNCIAS EDUCACIONAIS E O PAPEL DO PROFESSOR: EDUCAÇÃO NA UBIQUIDADE E NO METAVERSO**

*Wagner Luiz da Costa Santos*

## TENDÊNCIAS EDUCACIONAIS E O PAPEL DO PROFESSOR: EDUCAÇÃO NA UBIQUIDADE E NO METAVERSO

**Wagner Luiz da Costa Santos**

*Graduado em Pedagogia (INTERVALE) e Letras (UFPB). Especialista em Coordenação Pedagógica e Gestão Educacional. Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: wagnerluizcostasantos@gmail.com*

### **Resumo**

Este artigo tem o objetivo de refletir de forma breve e contextualizada, sobre as tendências e inovações e suas implicações no campo educacional, focando na sua prática e por meio dela identificando as suas principais funções e atribuições, em específico, trataremos neste recorte do papel do professor neste contexto de inovação e disruptura. Como suporte teórico, abordamos as obras Novas Tecnologias e Mediação pedagógica do autores José Manuel Moran et al (2013), que versam acerca da importância da mediação pedagógica dos processos educativos, educação disruptiva e ubíqua por meio do uso das tecnologias de comunicação e informação. Além destes, serviu-nos como suporte teórico o livro Educação e Tecnologias: O novo ritmo da educação de Vani Moreira Kenski (2012) e Autores como Rocha et al (2021) e Almeida et al (2014) . Desta forma, dividimos a pesquisa em tópicos para melhor situar o leitor a respeito das informações apresentadas, deste modo, temos uma contextualização na introdução, que levará em consideração a relevância do ciberespaço para a aprendizagem por meio do avanço das tecnologias digitais de informação e comunicação e suas aplicabilidades para a educação, seguido de " Práticas pedagógicas e disrupção na sociedade do conhecimento", seguido das considerações finais.

**Palavras-chave:** Tendências, inovação, educação, professor

### **Abstract**

This article aims to briefly and contextually reflect on trends and innovations and their implications in the educational field, focusing on its practice and through it identifying its main functions and attributions, in particular, we will deal with this clipping of the role of the teacher in this context of innovation and disruption. As theoretical support, we approach the works New Technologies and Pedagogical Mediation by the authors José Manuel Moran et al (2013), which deal with the importance of pedagogical mediation of educational processes, disruptive and ubiquitous education through the use of communication and information technologies. In addition to these, the book Education and Technologies: The new rhythm of education by Vani Moreira Kenski (2012) and Authors such as Rocha et al (2021) and Almeida et al (2014) served as theoretical support. In this way, we divided the research into topics to better situate the reader regarding the information presented, in this way, we have a

contextualization in the introduction, which will take into account the relevance of cyberspace for learning through the advancement of digital information and communication technologies. and its applicability to education, followed by "Pedagogical practices and disruption in the knowledge society", followed by final considerations.

**Keywords:** Trends, innovation, education, teacher.

## 1 Introdução

A sociedade contemporânea está marcada por profundas transformações ocasionadas pelo uso das tecnologias da informação e comunicação que estão amplamente disseminadas em todos os campos da vida social, deste modo, naturalmente, a escola como um locus socialmente situado absorve e acompanha essas mudanças, conforme Almeida (2014):

“ Como instituição social, a escola é socialmente situada e, portanto, está sujeita às mesmas influências e transformações que afetam a sociedade como um todo. Para manter-se eficiente e eficaz e prestar o serviço adequado que a sociedade espera dela, não pode estagnar nem ignorar os avanços que marcam o mundo contemporâneo" (Almeida, 2014, P. 2)

Deste modo, percebemos a urgência que temos em que se proponha cada vez mais efetivamente uma escola que repense os seus processos formativos e busque alinhar-se com as novas perspectivas e tendências que estão alinhadas com as necessidades atuais da sociedade e que se resvelam nesses atores sociais que fazem parte deste processo, a saber o estudante e o professor. Assim, pensar a educação na contemporaneidade sugere repensarmos o papel da escola e de seus membros, ressignificando-os às necessidades emergentes.

Almeida (2014, P.2) continua:

" Assim, e hora de rever as práticas tradicionais e encontrar uma nova forma de fazer a educação, sem perder de vista a essência do papel da instituição escolar, que permanece, apesar das profundas mudanças na sociedade: proporcionar um ensino de qualidade e preparar os indivíduos para o exercício pleno da cidadania (...)"

Nesta perspectiva, a formação do indivíduo na atualidade perpassa o entendimento de que vivemos inseridos em intensos processos de mudanças e inovações científicas e tecnológicas (Almeida, 2014), a esse processo vários teóricos

têm chamado de sociedade da informação ou sociedade do conhecimento, conforme Almeida (2014) e Kenski (2012).

Na visão de Kenski (2012) pensar a função da escola hodiernamente envolve refletir sobre essa sociedade do conhecimento e quais os impactos que ela produz na vida dos indivíduos, para assim questionar sobre o que é importante para aprendizado deste indivíduo e de que forma as TICS podem contribuir neste processo.

Deste modo, Kenski (2012) declara:

" Em um mundo em constante mudança, a educação escolar tem de ser mais do que uma mera assimilação certificada de saberes, muito mais do que preparar consumidores ou treinar pessoas para a utilização das tecnologias da informação e comunicação. A escola precisa assumir o papel de formar cidadãos para a complexidade do mundo e dos desafios que ele propõe. Preparar cidadãos conscientes, para analisar criticamente o excesso de informações e a mudança, a fim de lidar com as inovações e as transformações sucessivas dos conhecimentos de todas as áreas. "

Desta forma, com a aludida pesquisa, pretendemos como objetivo geral refletir brevemente sobre as tendências e inovações para a educação e suas implicações no ensino - aprendizagem . Como objetivos específicos, visa-se a discussão sobre o papel docente na sociedade do conhecimento, bem como o entendimento dos impactos causados das tecnologias da informação e comunicação nas estruturas educacionais e sobretudo no processo de ensinar e aprender contemporâneos. Este artigo fundamenta-se nas reflexões metodológicas de alguns estudiosos como Almeida (2014), Kenski (2012), Moran (2013) Rocha (2021), respectivamente, também fazendo referência a alguns artigos científicos pesquisados. Sendo portanto, um trabalho de cunho bibliográfico de revisão com uma abordagem qualitativa.

Deste modo, para melhor situar o leitor, distribuimos esse artigo em pequenas seções, assim, na primeira seção temos a introdução, seguida do desenvolvimento, onde serão apresentados os fundamentos teóricos da pesquisa e sua discussão, seguido da última seção com as considerações finais.

## 2 Fundamentação teórica

### 2.1 Práticas pedagógicas inovadoras e disruptivas no contexto da sociedade do conhecimento

A criação do ciberespaço e mais recentemente a evolução da web 2.0 proporcionaram a oportunidade de ampliação das possibilidades de formação através da interação online e da integração de diferentes tecnologias de informação e de comunicação, que aliados a metodologias ativas de aprendizagem, oportunizaram a criação de variadas possibilidades de instrução, conforme aponta Kenski (2012):

" As TICs e o ciberespaço, como um novo espaço pedagógico, oferecem grandes possibilidades e desafios para a atividade cognitiva, afetiva e social dos alunos e dos professores de todos os níveis de ensino, do jardim de infância à universidade. " ( Kenski 2012, P. 66).

Sem sombra de dúvidas, a criação do ciberespaço foi um marco alcançado que impulsionou e propagou a necessidade de reinvenção dos paradigmas convencionais e ampliou a oferta educacional para o que conhecemos hoje como aprendizagem digital ou educação a distância como um meio de ampliação e democratização do ensino, sobretudo o ensino superior que era antes restrito apenas aos espaços físicos tradicionais da academia.

Neste sentido, Kenski (2012) corrobora dizendo:

" Educar para a inovacao e mudanca significa planejar e implantar propostas dinâmicas de aprendizagem , em que se possam exercer e desenvolver concepções sócio-históricas da educação - nos aspectos cognitivo, ético, político, científico, cultural, lúdico e estético - em toda a sua plenitude e, assim, garantir a formação de pessoas para o exercício da cidadania e do trabalho com liberdade e criatividade." (Kenski, 2012. P. 67)

Em consenso com o pensamento de Kenski (2012), Almeida (2014) declara:

" O grande desafio que se apresenta para a sociedade do século XXI é garantir cidadania a todos os indivíduos, por meio de medidas sócio - políticas que assegurem o direito de acesso à informação e a educação para todos, proporcionando dignidade e sobrevivência a uma sociedade altamente competitiva " (Almeida, 2014. P. 5).

Diante disso, torna-se ainda mais importante a conciliação entre as práticas pedagógicas e que estas estejam alinhadas com as expectativas de um mundo em transformação constante como o nosso, pois a sociedade do conhecimento demanda de um alinhamento entre inovação e mudança constante, neste sentido, Rocha (2021) salienta:

" A relação entre práticas pedagógicas inovadoras e tecnologias nos provoca a pensar diferentes formas de ensinar e aprender e nos impulsiona a conectar cada vez mais a teoria com a prática (...) Em uma sociedade do conhecimento, em que todos estamos conectados e aprendendo constantemente, transformar essa ação natural e fluida em aprendizagem por meio de práticas pedagógicas inovadoras torna-se uma urgência nas instituições de ensino " (Rocha, 2021. P. 13)

Desta feita, diante do avanço das tecnologias digitais da informação e comunicação e sua constante incorporação no cotidiano, torna-se mister a construção de concepções e de currículos mais globalizados e disruptivos, que agreguem para além do saber tradicionalmente instituído, mas que outrossim, realce a criatividade inovativa, o empreendedorismo, a negociação e resolução de conflitos, que busque dinamizar o pensamento e torná-lo mais abrangente e mais crítico a essa própria sociedade que o constrói, buscando sempre uma compreensão mais alargada de mundo através de uma perspectiva coletiva.

## **2.2 Ciberespaço, Cibercultura, Hibridização da realidade e Ubiquidade**

O termo Ciberespaço foi cunhado pelo escritor William Gibson no ano de 1984, através do seu romance "Neuromancer", a partir desse conceito o filósofo e cientista Pierre Lévy (2010, p. 94) atribuiu ao ciberespaço as seguintes características: "Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores". A partir desse entendimento podemos citar também a contribuição de Santaella (2021, p. 33) que explica que o

"Ciberespaço deve ser concebido, portanto, como um mundo virtual global, hipercomplexo, mas coerente, espaço que independente do modo como se acede a ele e como se navega nele (...) O espaço informacional conectivo, ele continua presente, ou melhor, onipresente a um simples toque de dedos levíssimos." ( Santaella 2021, p. 33)

Segundo os autores, o ciberespaço pode ser entendido como o local (*locus*) de onde desenvolve-se as interconexões entre estes indivíduos em rede, sendo, portanto, a Cibercultura como um produto das interações sociais e culturais destes, conforme salienta Santaella (2021, p. 34) "A cibercultura, por sua vez, refere-se a todas as formas de inserção, troca, compartilhamentos e armazenamento que se obrigam no espaço informacional da internet, ou seja, no ciberespaço, graças às interfaces interativas humano/computador."

Assim, inicialmente, existia uma dualidade presente entre a vida "real" e a virtual no ciberespaço, até mesmo por que nos seus primórdios não haviam tantos mecanismos e algoritmos avançados de dados como temos hoje, todavia, com a evolução da World Wide Web e suas posteriores versões, até a revolução da informação que vivemos hoje, com a incorporação de algoritmos precisos utilizados em diversos usos, web semântica, Big Data, IoT, entre outros recursos, tornaram a nossa experiência com o ciberespaço cada vez mais ligada e interconectada a chamada vida real (*offline*) havendo então pouca distinção entre as realidades online e offline, com respeito a essa questão Santaella (2021, p. 87) nos diz: "Essas práticas construíram um novo espaço de misturas inextricáveis entre ciberespaço e os ambientes físicos que os nossos corpos biológicos habitam." E desse entendimento, podemos dizer que a experiência do usuário já tornou-se tão incorporada ao dia a dia por meio das diversas soluções tecnológicas, mas, também e principalmente por meio do uso dos dispositivos móveis (celulares, tablets e outros) que intensificaram esse fenômeno.

Desta feita, é partindo dessa realidade já presente que o metaverso se projeta como um ecossistema que se aproveita dessa hibridização cultural entre os meios físicos e digitais para propor um novo passo, que seria uma forma de ubiquidade consciente. Ainda nesse sentido, Santaella (2021) nos traz as seguintes provocações:

" Uma vez que a tendência desses espaços híbridos é a de dissolver as pretensas fronteiras entre os lugares, tidos como físicos, de um lado, e os espaços informacionais, de outro, criando um novo espaço próprio que não pertence nem propriamente a um nem a ao outro, tenho também chamado esse espaço de intersticiais (...) O que une essas terminologias é a constatação de um espaço criado pela conexão de mobilidade /comunicação e materializado por redes sociais desenvolvidas simultaneamente em espaços *in/off* (...) Quando a conectividade chegou ao ponto de transforma-se em nosso novo oxigênio, quando deixou de fazer

sentido a expressão - entrar na internet- pois ela sempre está lá, na palma da mão, quando a computação pervasiva e a ubiquidade se tornaram regra, a palavra - hiper mobilidade-, em espaços hiper-híbridos, está longe de ser uma hipérbole. " (Santaella, 2021. P. 88 e 89)

As percepções da autora em tela nos fazem refletir acerca de como a tecnologia tem sido instrumentalizada na sociedade atual, a qual Castells (1999) chamou de sociedade em rede.

### **3. Metaverso e suas possibilidades educativas**

O termo Metaverso, a princípio, pode parecer novo ao leitor não familiarizado com a área da ficção científica e dos estudos de cibernética, hoje difundidos com nomenclaturas próprias relativas às tecnologias de informação e comunicação, a exemplo de Internet das coisas, banco de dados, entre outros conceitos. Contudo, a ideia de um metaverso só pode ser concretizada a partir da criação de um ambiente que o comportasse, nesse caso estamos nos referindo ao ciberespaço como forma e espaço pelo qual essas tecnologias foram e são difundidas. Conforme Santaella (2021):

“ Assim, o espaço ciber é o espaço que as redes fizeram emergir; espaço informacional, virtual, global, pluridimensional, sustentado e acessado pelos computadores, estes alimentados por programas, protocolos de funcionamento e, certamente, e conteúdos dos mais diversos tipos ” (Santaella, 2021, P. 32)

Deste modo, a evolução das tecnologias da informação e comunicação propiciaram o amadurecimento do uso do ciberespaço e o reconhecimento da cibercultura como um meio legítimo de troca de experiências e informações, construção de negócios, bem como, com potencial educacional quase irrestrito, por propiciar variadas possibilidades de manipulação do conhecimento, aumentando assim as possibilidades educativas.

Neste ínterim, emerge o metaverso como uma possibilidade educativa disruptiva que teria o potencial de proporcionar ambientes e práticas integradoras por meio do ciberespaço, a exemplo da utilização de laboratórios virtuais, práticas simuladas com interação simultânea síncrona, dentre outros usos.

Já amplamente discutido seja na literatura ou no cinema, a percepção e o entendimento do que venha a ser um metaverso se configura para além destas

experiências lúdicas, pois, objetivamente, o metaverso congrega em si potencial quase ilimitado no campo educacional, seja por meio da interface com jogos educativos como MinecraftEd, Atlatis Remixed, dentre outros, telepresença, exploração de ambientes em 3D ou mesmo através de simulações de práticas educativas tão reais e imersivas que consigam por si mesmas produzir uma experiência marcante ao ponto de não se ter uma clara diferenciação entre a produzida no mundo real e virtual, a exemplo de cirurgias, práticas de laboratório, dentre outras.

Para fins de contextualização, o termo metaverso surge pela primeira vez, na obra de Neal Stephenson, intitulada "Snow Crash" no ano de 1992, portanto, embora o termo metaverso nos seja apresentada agora como uma novidade, na realidade seu conceito já foi desenvolvido há pelo menos 30 anos e já foi adaptado em variadas obras cinematográficas, a exemplo das mais famosas, temos a franquia de filmes "The Matrix" e também mais recentemente, a adaptação cinematográfica da obra "Jogador n 1" que explora esse conceito de forma bastante realista e ilustra o que já mencionamos aqui sobre a hibridização da sociedade e a sua tendência a torna-se cada vez mais ubíqua através de seres humanos chamados hiper-híbridos (Santaella, 2021).

Deste modo, os metaversos estão inseridos no ciberespaço e através destes eles interagem e constroem as suas redes de conhecimento e de interação, conforme nos aponta Schlemmer & Marson (2013):

"Metaverso tem em si, para além da convergência de diferentes tecnologias, um forte aspecto conceitual e de ficção. Trata-se de um termo que se constitui no ciberespaço e se "materializa" por meio da criação de MDV3D, onde há possibilidade de imersão e, no qual diferentes espaços para o viver e conviver são representados, fazendo surgir "mundos paralelos". Assim, os Metaversos representam o gênero dos ambientes digitais virtuais imersivos e se constituem enquanto plataformas nas quais os sujeitos agem e interagem, vivem e convivem, num universo de representações, o que possibilita a eles desenvolver uma nova experiência social, configurando uma convivência de natureza digital virtual." (Schlemmer & Marson, 2013. P 5)

Assim, verificamos que o metaverso possui de fato muitas possibilidades educativas a serem exploradas aos campos e moldes do que conhecemos e até aplicações além destas.

#### **4 Considerações Finais**

Esta pesquisa evidenciou que o surgimento do ciberespaço e sua posterior evolução, aliados ao desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação, contribuíram para o desenvolvimento das tecnologias educacionais diversas, que aliadas às concepções pedagógicas e metodológicas emergentes do século XXI contribuíram para o desenvolvimento educacional. Assim, compreendemos que as tecnologias da informação e da comunicação convergiram para um ponto de fusão inseparável, a qual não se distingue com facilidade a dualidade outrora existente entre estes dois mundos, o real (físico) e o digital (virtual), pois essa percepção tornou-se cada vez mais tênue, ao passo que estamos interconectados constantemente através dos nossos dispositivos móveis, o que por sua vez criou uma relação de hibridização cultural em relação ao entrelaçamento entre essas duas vertentes, o que por sua vez gerou uma sociedade cada vez mais ubíqua.

Assim, neste processo crescente de transformação e de incorporação de novas tecnologias, analisamos sobre as possibilidades que o metaverso irá proporcionar para a sociedade, sobretudo, no campo educacional. Desta feita, espera-se um avanço considerável em relação a maneira como nos relacionamos com o meio físico e o digital, de forma cada vez mais híbrida, ao ponto que ambos mesclam-se em uma realidade em que já não se diferencie o ciberespaço ao mundo físico e os congregue como uma realidade.

Assim, neste processo crescente de transformação e de incorporação de novas tecnologias, fizemos uma breve investigação sobre esse fenômeno, contudo, cabe salientar que tal temática, por sua importância e larga abrangência, carece de um estudo mais aprofundado e sistematizado a respeito das tecnologias e suas implicações.

#### **5 Referências Bibliográficas**

Almeida, N.A et al. (2014) *Tecnologias na Escola: Abordagem Pedagógica e Abordagem Técnica*. São Paulo: Cengage Learning.

Schlemmer, Eliane & Marson, Fernando. (2013). *Immersive Learning: Metaversos e Jogos Digitais na Educação*. 1-7.

Santaella, L. (2021). Humanos hiper-híbridos: linguagem e cultura na segunda era da internet. São Paulo: Paulus.

Lévy. P. (2010) Cibercultura. São Paulo. (3 edição). Editora 34.

Kenski. V.M. (2012). Educação e Tecnologias: O Novo Ritmo da Informação. Campinas: (8 edição). Papirus.

Moran, J.M et al. (2013). Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. Campinas: (21 edição). Papirus.

Rocha. D.G. et al. (2021). Aprendizagem Digital - Curadoria, Metodologias e ferramentas para o novo contexto educacional. Porto Alegre: Penso.

### **Capítulo 3**

# **A IMPORTÂNCIA DAS MULHERES DO #ELENÃO COMO UNIFICAÇÃO SOCIAL PELOS DIREITOS HUMANOS**

*Ludimilla Santana Teixeira*

*Liliane Alcântara de Abreu*

## A IMPORTÂNCIA DAS MULHERES DO #ELENÃO COMO UNIFICAÇÃO SOCIAL PELOS DIREITOS HUMANOS

**Ludimilla Santana Teixeira<sup>1</sup>**

*Bacharela em Comunicação Social (UCSAL). Criadora do Mulheres Unidas Contra Bolsonaro, grupo que criou o movimento #EleNão.*

*Contato: [ludimilla3105@gmail.com](mailto:ludimilla3105@gmail.com)*

**Liliane Alcântara de Abreu<sup>2</sup>**

*Pós-graduanda em Terapia Cognitivo-Comportamental (PUC-PR); bacharelada em Psicologia (UNIP). Pesquisadora e autora.*

*Contato: [liaabreu01@yahoo.com.br](mailto:liaabreu01@yahoo.com.br)*

### RESUMO

Este artigo teve o objetivo de abordar a experiência vivida pelo grupo virtual *Mulheres Unidas contra Bolsonaro*, que gerou o movimento #EleNão e produziu o maior marco historiográfico de resistência feminina e feminista à frente de manifestos de âmbito sociopolítico nacional brasileiro e com reflexos internacionais. Ademais, as ofensas e desqualificações ao feminino como forma de ataque misógino, e como ferramenta de desapropriação de legitimidade de ação social, necessitavam ser investigadas inclusive pelo viés da Psicologia e Neurociência. Logo, as autoras tiveram como questão norteadora: por que e como mulheres com diferenças socioculturais e historicidades divergentes uniram-se colaborativamente alertando para o mesmo perigo e gerando o movimento #EleNão? Assim, o objetivo geral se fundamentou em compreender as diferentes demandas que unificaram o processo grupal feminino de ativismo democrático. A hipótese firmou-se no pressuposto de que quanto maior o alcance de desenvolvimento e fortalecimento psíquico de um indivíduo sobre de si e o mundo, maior será sua potencialização cortical, sensorial e perceptiva a respeito de determinados sujeitos e acontecimentos

---

<sup>1</sup> Bacharela em Comunicação Social (UCSAL), Publicitária, Servidora Pública Federal do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), Educadora do Programa de Educação Previdenciária (PEP), ativista de Direitos Humanos e da Anistia Internacional (Salvador, Brasil). Criadora e administradora geral do Mulheres Unidas Contra Bolsonaro, grupo que criou o movimento #EleNão.

<sup>2</sup> Pós-graduanda em Terapia Cognitivo-Comportamental (PUC-PR); bacharelada em Psicologia (UNIP). Pesquisadora especialista em comportamento e consumo com enfoque em Antropologia (SENAI CETIQT); professora especialista em neurociência pedagógica (AVM/UCAM); designer (SENAI CETIQT) especialista em Artes Visuais (UNESA) e arteterapeuta (AVM/UCAM). Ex-professora de nível técnico à pós-graduação da Faculdade SENAI CETIQT - Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil (2011-2014).

que geram dano à vida. Como metodologia, a pesquisa se amparou nas análises de revisão teórica sobre o surgimento e o comportamento das mulheres do movimento #EleNão a partir dos acontecimentos sociopolíticos no Brasil em 2018. Para tanto, utilizou-se o apoio de autores diversos para se refletir e analisar as conduções, influências e princípios dos fundamentos históricos, epistemológicos e científicos que precipitaram o comportamento de união e percepção dessas mulheres específicas. Como resultado e conclusões, pôde-se entender que as mulheres do movimento #EleNão foram capazes de perceber a catástrofe sociopolítica nacional e em genocídio, antecipadamente, apontando para os pressupostos da neurociência sobre indivíduos com um diferencial desenvolvimento do sistema neuro-cortical. A movimentação feminina e feminista gerada do #EleNão mostrou o poder de união de grupos psicológicos minoritários, gerando força e voz em unificação aos outros indivíduos e círculos diferenciados. Ademais, se usada com sapiência, a *internet* pode ser uma rápida e eficaz ferramenta de lutas, grandes aprendizados e trocas positivas, seja no universo virtual ou naquele materializado nas ruas e mundo real.

**Palavras-chave:** Direitos Humanos. EleNão. Psicologia. Redes Sociais. Sociedade.

### ABSTRACT

This article aimed to address the experience lived by the virtual group Mulheres Unidas contra Bolsonaro, which generated the #EleNão movement and produced the greatest historiographical landmark of female and feminist resistance in front of Brazilian national sociopolitical manifestos with international reflexes. In addition, the offences and disqualifications of women as a form of misogynistic attack and as a tool for dispossessing the legitimacy of social action needed to be investigated even from the perspective of Psychology and Neuroscience. Therefore, the authors had as a guiding question: Why and how women with sociocultural differences and divergent historicities came together, collaboratively, alerting them to the same danger and generating the #EleNão movement? Thus, the general objective was based on understanding the different demands that unified the female group process of democratic activism. The hypothesis was based on the assumption that the greater the scope of development and psychic strengthening of an individual about himself and the world, the greater his cortical, sensorial and perceptive potentiation will be regarding certain subjects and events that generate damage to life. As a methodology, the research was based on a theoretical review that analyzes the emergence and behaviour of women in the #EleNão movement based on sociopolitical events in Brazil in 2018. For this, the support of different authors was used to reflect and analyze the conducts, influences and principles of the historical, epistemological and scientific foundations that precipitated the union behaviour and perception of these specific women. As a result and conclusion, it was possible to understand that the women of the #Ele Não movement were able to perceive the genocide and national sociopolitical catastrophe, in advance, pointing to the assumptions of neuroscience about individuals with a differential development of the neuro-cortical system. The feminine and feminist movement generated by #EleNão showed the power of uniting minority psychological groups, generating strength and voice in unification to other individuals and differentiated circles. Furthermore, if used wisely, the internet can be a quick and effective tool for struggles, great learning and positive exchanges, whether in the virtual universe or in that materialized on the streets and in the real world.

**Keywords:** Human Rights. EleNão (NotHim). Psychology. Society. Social networks.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo teve como finalidade fazer uma análise sobre as origens e caminhos que desembocaram na criação do grupo virtual *Mulheres Unidas contra Bolsonaro* (MUCB), e que deu origem ao movimento mundial #EleNão e que se opunha a figura de Jair Messias Bolsonaro como representação maior de ascensão do fascismo em um país já com um histórico colonialista e escravagista como o Brasil. O processo de conscientização feminina e feminista precipitou um forte ativismo, tornando-se o maior marco historiográfico de resistência sociopolítico no cenário nacional brasileiro e com reflexos internacionais. Ademais, as ofensas direcionadas às mulheres que aderiram ao movimento como *loucas* e *parvas* – dentre outros adjetivos em agravante e pejorativos – foram propositalmente intensificadas para desqualificar não somente essas figuras femininas que aderiram à causa, mas também o movimento social. Logo, essa conduta comportamental também merecia ser igualmente analisada pelo viés científico da Neurociência e da Psicologia.

As autoras elaboraram a seguinte questão norteadora para o presente artigo: por que e como mulheres com diferenças socioculturais e historicidades divergentes uniram-se colaborativamente alertando para o mesmo perigo e gerando o movimento #EleNão? Assim, o objetivo geral fundamentou-se em compreender as diferentes demandas que unificaram o processo grupal feminino de ativismo democrático. Como consequência, os objetivos específicos se desenvolveram em entender algumas das teorias sobre a participação política nas redes sociais, educação e os comportamentos psicológicos de unificação de grupo e reconhecimento do *eu*; compreender como as teorias intergrupais discriminatórias podem atuar em um grupo; entender o porquê as mulheres desse movimento específico foram capazes de perceber a catástrofe sociopolítica nacional e em genocídio, antecipadamente ao advento da COVID-19; o que é e como se apresenta o grupo que deu origem ao movimento #EleNão.

Como hipótese, surgiu o pressuposto de que quanto maior o alcance de desenvolvimento e fortalecimento psíquico de um indivíduo com reconhecimento de si e de mundo, ou seja, sua responsabilidade no bem-estar grupal, maior será sua

potencialização cortical de aprendizagem, e sensorial e perceptiva a respeito de determinados sujeitos e acontecimentos, sobretudo aqueles que geram dano à vida.

Como metodologia, a pesquisa se amparou nas análises de revisão teórica sobre o surgimento e o comportamento das mulheres do movimento #EleNão a partir dos acontecimentos sociopolíticos no Brasil em 2018. Para tanto, utilizou-se o apoio de autores diversos para se refletir e analisar as conduções, influências e princípios dos fundamentos históricos, epistemológicos e científicos que precipitaram o comportamento de união e percepção dessas mulheres específicas. Assim, realizou-se a revisão teórica de estudiosos como Martins (2019), Meneses e Sarriera (2005), Miranda Junior (2013), Santos (2013), Steber e Massoni (2017), Santos e Santos (2014), e, Dias, Doula e Cardoso (2017), que trazem essas as relações contemporâneas sobre redes sociais e sociedade, e como isso impactou na participação política nas redes sociais, mas que igualmente dispararam o discurso de ódio muito presente na *internet*. Outros autores de diferentes áreas que analisaram o próprio movimento #EleNão agregam a discussão como Karina Barajas (2020), Jamile Silva (2021), Desirée Pires (2021), Odhara Rodrigues (2019), Maria Schwengber e Naira Pinheiro (2020). Liliane Abreu e Natalia Melo (2022) também agregam mais pontualmente esse fator de análise sobre a questão psíquica e comportamental das mulheres do #EleNão, incluindo o acréscimo de teorização dos estudos dos neurocientistas italianos Giacomo Rizzolatti et. al. (1996; 2006) e Iacoboni et al. (2005) a respeito dos *neurônios-espelho*, além de outros autores. Ademais, a antropóloga e pesquisadora Adriana Dias (2018; apud DEMORI, 2021) igualmente é evocada para o auxílio em alguns entendimentos sobre crescimento de grupos nazifascistas no Brasil e o perigo e ampliação da extrema-direita no Brasil.

O entendimento de paradigmas que perpetuam discriminações igualmente teve alicerces em nomes que desenvolvem essas temáticas como o professor Sílvio Almeida (2019), Angela Davis (2016), Grada Kilomba (2019) e Sueli Carneiro (2011) e outros. Ademais, encontrou-se o apoio nos pressupostos educacionais que Paulo Freire (2016), Lev Vygotsky (2000) e Alexis Leontiev (2004) que se unem com o advento da *internet*. Teixeira e Abreu (2021) e Carlini (2019) agregam-se à percepção de ampliação do social do indivíduo a partir de si mesmo, e trazida por Kurt Lewin (MAILHIOT, 2013), Silvia Lane (1989), Emanuel Vieira e Verônica Ximenes (2008), Aroldo Rodrigues, Eveline Assmar e Bernardo Jablonsky (2009),

Maritza Montero (2010) e Adolfo Pizzinato (2010). Por fim, as considerações finais encerram este artigo.

## 2. A ORIGEM DO MOVIMENTO #ELENÃO

Aos trinta dias de agosto de 2018, o que parecia uma simples atividade nas redes sociais se tornaria numa incursão coletiva que promoveu ações políticas contra o então candidato Jair Messias Bolsonaro e levou milhares de mulheres às ruas de mais de cento e cinquenta cidades do Brasil e ao redor do planeta em 29 de setembro do mesmo ano. (TEIXEIRA; ABREU, 2021)

O grupo apartidário e composto por mulheres de múltiplas ideologias políticas – algumas até que se afastavam de questões desse cerne – e crenças, denominado *Mulheres Unidas contra Bolsonaro*, recebendo a sigla MUCB, chegou à marca de 4,6 milhões de participantes na rede social *Facebook* em outubro/novembro de 2018, tornando-se um verdadeiro refúgio para as mulheres brasileiras que estavam dispostas a interferir no pleito eleitoral daquele ano que se apresentava temeroso e afetaria diretamente a dignidade e segurança feminina, e da população em geral. Logo, a página virtual nasceu idealizada por Ludimilla Santana Teixeira, uma mulher negra de origem periférica e nordestina, mas reuniu mulheres de todas as partes do planeta com o objetivo de ser resistência contra a candidatura à presidência de Bolsonaro que representaria o pior que existia dentro da sociedade, e não por uma questão política, mas humanitária. (ABREU; MELO, 2022; TEIXEIRA; ABREU, 2021)

A enorme inquietude diante da percepção da maldade na figura de Jair Bolsonaro deu voz e coragem àquelas jovens e senhoras que estavam estarecidas com o crescimento de apoio ao candidato, inclusive de pessoas conhecidas, de uma vida inteira, e que não estavam mais conseguindo reconhecê-las diante de suas posturas comportamentais. Muitas famílias e amizades se romperam ali.

O interessante é que mesmo sendo mulheres de orientação política de direita, centro e esquerda (a maior parte deste último), que tentavam convencer as pessoas da própria família e amigos do porquê “não” naquele então candidato, elas eram taxadas imediatamente de “loucas ‘histéricas’” e/ou “comunistas”. Quanto mais se aproximava a data de votação, mesmo explicando e mostrando que aquelas eleições e todo o movimento antiBolsonaro não era por ideologia política, mas por humanidade, essas pessoas não queriam ouvir. Ademais, não era apenas Bolsonaro, pois havia um bloco de pessoas

com muito poder que o apoiavam, então todos eram perigosos em seus propósitos, mas Jair era a simbologia maior. (ABREU; MELO, 2022, p. 61-62)

Foi pensando assim, que surgiu a ideia de criar um ambiente seguro onde as mulheres pudessem debater e trocar ideias, mas não só contra Bolsonaro, mas igualmente contra o avanço e o fortalecimento do machismo, da misoginia, do racismo, da LGBTQIAfobia e outros tipos de preconceitos, e todos se agregando à um notório movimento (nazi)fascista, mas que naquele instante não estava tão ostensivo e nem se conseguia apontar precisamente esse recorte. Havia uma necessidade emergencial naquele lapso temporal, e daquelas mulheres, de se fazerem ouvir em união, pois elas já vinham tentando inutilmente alertar pessoas próximas sobre o perigo que já vislumbavam. (ABREU; MELO, 2022)

O movimento #EleNão emergiu como um movimento entre as redes digitais e nas ruas das diferentes cidades brasileiras. Tomando as referências de Butler (2018), é possível dizer que esse movimento reinventa o gênero feminino ao reivindicar o direito de aparecer, de falar, de manifestar-se sobre a política. Ratifica o reconhecimento e a existência, no caso, das mulheres, enquanto sujeitos políticos com direito de aparecer publicamente.

O #EleNão, escavado pelo direito de falar, demonstra que a luta das mulheres está apenas começando. Estão se deslocando do lugar de subalternas, compreendendo o direito dos “lugares de fala”, de falarem juntas, de fazerem um “eco coletivo”. Apresentar-se nas redes e nas ruas, na luta pelos seus direitos, é um movimento que não tem volta, pois as mulheres se colocam para questionar a própria precarização das condições de existência. É o coletivo que clama: “estamos aqui, existimos, demandamos” (BUTLER, 2018, p. 124). “Bora” falar, “bora” não fraquejar. (SCHWENGBER; PINHEIRO, 2020, p. 15)

Além da criadora, atualmente o grupo também é administrado por outras quatro integrantes, possuindo ainda cerca de cinquenta moderadoras de todas as partes do Brasil e até do Exterior. Conta com aproximadamente 2,3 milhões de membros, ou *membras*, como algumas mulheres se referem umas às outras dentro da plataforma virtual, adotando um neologismo para evidenciar a exclusividade feminina e criticar o machismo na língua portuguesa, tão enraizado no idioma que mal chega a ser percebido. Enfim, foi a partir desse grupo específico que o movimento #EleNão se alastrou gerando outros grupos com o mesmo intuito,

inclusive a forte aderência dos homens, apoio de figuras públicas e artistas, e precipitou a elaboração de uma série de artigos científicos, dissertações de mestrados, teses de doutorados e livros, materiais esses de cunho nacional e internacional. (ABREU; MELO, 2022; TEIXEIRA; ABREU, 2021)

Com o passar do tempo e após a inevitável eleição de Bolsonaro diante da imensa alienação social que o país se encontrava, o grupo original formado por essas mulheres, vem passando por transformações que desembocaram em ações e aprendizados dentro dos Direitos Humanos. Isso ocorreu a partir das autodescobertas pessoais, inclusive com muitas se percebendo como ativistas e/ou feministas, mesmo aos 70 ou 80 anos de idade. Ademais, o fortalecimento precipitado nos reforços educativos dentro da plataforma virtual e das histórias que surgem ali e geram acolhimento, traz o real entendimento de lugar no mundo. Juntas, elas tinham a certeza de que não estavam *loucas* – palavra essa usada em constância por indivíduos externos para gerar descredito e desestabilização – em suas percepções viscerais sobre o perigo de uma conduta de quebra de direitos humanos com agravantes de perdas generalizadas (de vidas, de emprego, de recursos naturais, de instituições, de dignidade de vida, de direitos). Nesse caso, a Neurociência consegue provar que, na verdade, algumas dessas mulheres possuem um sistema neuronal mais evoluído, e isso será melhor apresentado adiante. (ABREU; MELO, 2022; TEIXEIRA; ABREU, 2021)

### **3. AS REDES SOCIAIS COMO FONTE DE BATALHA**

Desde a eleição de Donald Trump nos EUA em 2016, a *internet* demonstrou ser um meio poderoso de autopromoção e impulsionamento de candidaturas políticas. Com conteúdo por vezes questionável beirando a ilicitude, esse novo meio de comunicação de massas, ainda não tão utilizado no Brasil nessa época com esse fim, foi um importante aliado para disseminação de notícias que visavam prejudicar os adversários políticos através da alienação social, e inclusive, potencializando comportamentos negacionistas. (ABREU; MELO, 2022)

Esse novo campo de atuação foi bastante explorado por setores da direita e, sobretudo, da extrema-direita. Inclusive, de acordo com as denúncias apresentadas na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) das *fake News*, há o financiamento de empresas privadas e até de capital estrangeiro, mas seguia sendo subutilizado por

setores progressistas e de esquerda. Anteriormente a tudo isso, a resistência exponencial na *internet* era quase nula, o que facilitou ainda mais a penetração de ideias reacionárias e conservadoras dentro de todas as camadas da sociedade através das redes sociais, mesmo que baseadas em falseamento da verdade e discursos anticiência (ABREU; MELO, 2022). Em um artigo que discute em cruzamento o *ciberfeminismo* que tenta reagir ao neoconservadorismo dos cristãos e evangélicos no México e no Brasil, há a seguinte ponderação:

O tecnofeminismo gerado pelo grupo do Facebook Mulheres Unidas contra Bolsonaro tornou visível uma agenda interseccional que encontra pontos de convergência nas críticas a um sistema político-econômico neoliberal no qual estão localizadas as raízes do neoconservadorismo evangélico e do pós-fascismo presente no Brasil que viola, estigmatiza e discrimina.

As diversidades e a eliminação das desigualdades encarnadas pelas mulheres que faziam parte desse grupo não são possíveis em um sistema desse tipo que, devido às suas expressões ideológicas, como as mencionadas acima, dificulta o avanço da democracia, bem como o fortalecimento dos Estados seculares em que a igualdade na diferença e o direito de decidir sobre o próprio corpo, em suas várias formas, eles são garantidos. (BARAJAS, 2020, p. 55. Tradução nossa) [1]

Em 2018, sendo pioneiro na utilização das redes sociais como ferramenta política de denúncia, o MUCB surgiu formado por esse coletivo de mulheres comprometidas e engajadas com a causa e tudo que envolve o ser feminino, que em sua grande maioria trabalha, tem família com maridos, esposas, companheiros, companheiras, filhos – há uma vida inteira do outro lado da tela do computador. O trabalho no *Mulheres Unidas contra Bolsonaro* e dentro desse universo virtual à frente da administração do grupo é completamente voluntário, ou seja, não há patrocínio, nem vínculo e nem compromisso com nenhum partido político (ABREU; MELO, 2022; TEIXEIRA; ABREU, 2021). Havia experiências como o *Mídia Ninja* e o *Movimento Brasil Livre* (MBL) atuando diretamente nas redes, mas um agrupamento massivo de mulheres e em tempo real – até com alcance internacional – debatendo direitos humanos, política e estratégias contra um presidenciável era novidade, e isso pode ser conferido em reportagens trazidas por Becker (2018), Marques (2018) e Rossi, Carneiro e Gragnani (2018), além dos livros, artigos científicos, teses e dissertações já citadas anteriormente.

O principal objetivo na sua criação era promover a anticampanha contra o então candidato a presidente, que representava o verdadeiro retrocesso aos direitos sociais duramente conquistados e falava abertamente em governar com bases em tortura e morte, e tal condução era abertamente visualizada não apenas em vídeos com Bolsonaro, mas reproduzido em grandes jornais como o Carta Capital (2020). Apesar de não lograr êxito em impedir sua eleição, o *Mulheres Unidas contra Bolsonaro* e o próprio movimento #EleNão tornaram-se algo muito maior, alcançando visibilidade internacional, e o grupo, mais especificamente, tornou-se uma verdadeira rede de solidariedade e apoio entre as mulheres.

Aprendendo juntas, essas mulheres se fortaleceram praticando a verdadeira *sororidade* no sentido mais amplo da palavra. Isso foi bem detalhado por Teixeira e Abreu (2021), mostrando como o multipluralismo, as dores, experiências e expertises enquanto profissionais de vários nichos contribuíram para o crescimento pessoal e grupal dessas pessoas na percepção de si e do mundo.

#### **4. A PERCEPÇÃO DO MAL-ESTAR SOCIAL**

Na medida em que as mulheres se aprofundaram no debate político, os objetivos do *Mulheres Unidas contra Bolsonaro* iam se ampliando, passando a ter por finalidade apoiar e desenvolver ações para a defesa, elevação e manutenção da qualidade de vida do ser humano, principalmente da mulher – seja ela cisgênera, transgênera ou travesti –, e do meio ambiente, através das atividades de educação profissional, especial e ambiental. (TEIXEIRA; ABREU, 2021)

Para a consecução de sua finalidade, o grupo começou a atuar na sugestão, promoção, colaboração, coordenação e execução de ações e projetos visando a luta contra o racismo, o machismo, a misoginia, a LGBTQIAfobia, gordofobia, xenofobia e outros preconceitos. Auxiliando vítimas a fazerem denúncias, prestando acolhimento e orientação. Também combater todo o tipo de violência contra as mulheres, crianças, idosos, pessoas com deficiência, LGBTQIA+, indígenas, quilombolas, pessoas muito acima do peso padrão e demais indivíduos em similaridade social. Por consequência, lutar junto à sociedade civil e órgãos públicos por políticas públicas de saúde, educação, assistencialismo, segurança, entre outras, para promoção da assistência social às minorias e excluídos, desenvolvimento econômico e combate à pobreza. Além disso, atuar na promoção

de ações para conscientização sobre métodos contraceptivos e planejamento familiar, bem como assistência, orientações sobre as possibilidades do aborto legal, acolhimento, orientação e assistência às vítimas de violência doméstica e/ou sexual.

Isso colaborou profundamente para a quebra de paradigmas carregados de preconceitos e discriminações, incluindo e sobretudo as étnicas que muito assertivamente são trazidos por nomes reconhecidos como o professor Sílvio Almeida (2019), Angela Davis (2016), Grada Kilomba (2019) e Sueli Carneiro (2011) e tantos outros. Preconceitos e discriminações já fazem parte por si mesmos de processos alienatórios, e que podem contribuir em desdobramentos até para o fortalecimento dos negacionismos, e abre portas para o crescimento de indivíduos e sociedades opressoras.

Isso leva novamente à breve discussão sobre a alienação do oprimido como opressor. Assim como muitos autores, Freire entendia que muitos indivíduos introjetam os preceitos do opressor, e é quando perpetuam a autoapresentação e práticas que são embasadas em falsa humanidade, falsa moralidade, falsa generosidade, falso amor, falsa caridade, pois são sujeitos inautênticos e de dupla personalidade. Eles perpetuam as práticas de opressão na tentativa de camuflagem por vergonha de suas origens, comodismo, mera adaptação, efetiva simpatia com as condutas de dominação e/ ou até medo. Exatamente por isso, tais indivíduos irão afirmar que grupos perseguidos e atacados reclamam ou reivindicam por mudanças à toa. Eles irão ignorar e/ou renegar as mortes, as dores e os sofrimentos daqueles que entendem sendo diferentes deles: os “outros” que não têm nada a ver com suas vidas.

Freire nomeava esses indivíduos oprimidos e posteriormente (sub) opressores de “aderentes”, e enquanto se mantiverem nessa postura de pensamentos, comportamentos e ações coligados aos mecanismos alienantes de dominação, tenderão fortemente a não alcançar o processo de descoberta da crítica real, pois não chegaram à autocrítica e, portanto, mantêm-se desumanizados, mesmo se estiverem inseridos em grupos ativistas de cunho humanista. Tudo isso reforça também a percepção para muitos indivíduos de uma falsa e utópica felicidade edificada por seus grupos de pertencimento, já que suas verdades são taxativamente aquelas e propagadas por alguma figura que se “venda” com tais preceitos. (ABREU; MELO, 2022, p. 337-338)

As integrantes do grupo descobriram que podiam ser muito mais do que lhes foi dito a vida inteira. Muitas tiveram essa descoberta e crescimento quase que

instantaneamente, como se uma chave de voltagem estivesse sendo acionada. Outras foram descobrindo esse processo gradativamente, enquanto outras ainda apresentam uma enorme dificuldade nessa elaboração pessoal, mas continuam ali em uma tentativa talvez não consciente de desabrochar.

As administradoras do grupo começaram a perceber que havia um potencial de educação ali dentro que se encaixavam com os pressupostos que Paulo Freire (2016) trazia em suas obras como na *Pedagogia da autonomia* e *Pedagogia do oprimido*, e que se encaixava muito bem com Lev Vygotsky (2000) e Alexis Leontiev (2004) sobre se pensar novas formas de ensinar, aprender e evoluir o psiquismo enquanto ser social e individual.

Ainda dentro do rol de sua atuação, as integrantes do *Mulheres Unidas contra Bolsonaro* intensificaram as pautas de educação para politização, somando-se em discussões internas e externas na luta por uma reforma política que combata a corrupção e o excesso de privilégios em cargos eletivos. Assim como lutar por reforma agrária, demarcação de terras indígenas e defesa dos territórios quilombolas. Não esquecendo da luta por uma maior participação feminina na política, na sociedade, demais espaços de poder e decisões, assim como promover a importância do feminismo e da preservação do Estado Laico. Paralelamente, evocou a luta pela manutenção dos direitos trabalhistas e previdenciários, visando o bem estar social sem priorizar o sistema capitalista, o lucro de grandes empresas e das instituições financeiras. Assim como o engajamento na luta por uma reforma tributária que favoreça os mais pobres, pois assim, entende-se que haverá mais equidade na cobrança de impostos e isenção sobre a cesta básica e produtos de primeira necessidade para famílias de baixa renda. Tudo como foco principal a promoção da ética, da busca por uma paz, da cidadania, dos direitos humanos, da democracia e de outros valores universais.

Essas mulheres precisaram aprender muito rápido a se organizar melhor e a amplificar seus conhecimentos, e justamente pelo enorme ataque misógino que sofreram durante as eleições de 2018 na tentativa de silenciá-las. Esse processo de jugo através da tentativa de humilhação teve um efeito de rebote inverso, pois ao invés de se recolherem, elas se uniram mais e ganharam mais força. Infelizmente a alienação social já era muito grande levando a ascensão de Bolsonaro ao poder, mas as mulheres do #EleNão compreenderam o poder de unidade. (ABREU; MELO, 2922)

Por meio da observação do jogo enunciativo-político que se formou durante as eleições de 2018, foi possível inferir que o movimento #EleNão, apesar de ter sido um ato de grande amplitude, foi abafado pelos ataques da narrativa contrária de grupos ultraconservadores movidos por interferência das refrações ideológicas que recaem sobre o social. O sentido do enunciado #EleNão foi ressignificado diante de narrativas estereotipadas e regidas pela formação do senso comum, afloradas pelo discurso contrário que destacou, claramente, os papéis que os sujeitos da sociedade brasileira ocupam frente à responsabilidade de garantir os direitos e deveres de um corpo social igualitário.

É importante frisar que o discurso movido por distorções, negacionismo histórico e apagamento da memória do vivido é algo que induz à formação de governos totalitários, cujo principal objetivo é transformar o experienciado em um lugar de esquecimento, para, assim, dar continuidade a novas formas de opressão. Através das distorções de significados em que o efeito de sentido, incluindo os silêncios, foram direcionados para concepção de uma nova materialidade discursiva, percebeu-se como os sentidos foram construídos de modo a opor-se ao enunciado inicial, fortalecendo a narrativa de apoio ao discurso conservador e silenciando às reivindicações originais. (SILVA, 2021, p. 27)

Portanto, se um grupo estava usando o universo virtual para disseminar o caos e as fake News, por outro lado, as integrantes do movimento #EleNão estavam fazendo uso do advento da *internet* para reinventar novas formas de ensinar e aprender, e que podem ser muito enriquecedoras, pois alcança a quase todos, mesmo em locais diferenciados e ao mesmo tempo. Teixeira e Abreu (2021) e Carlini (2019) trazem que este é um dos pressupostos principais da Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948, justamente com o intuito de diminuir as diferenças humanas e sociais.

Essa percepção de ampliação do social a partir de si mesmo é trazida por muitos sociólogos e psicólogos, como Kurt Lewin (MAILHIOT, 2013), Silvia Lane (1989), Emanuel Vieira e Verônica Ximenes (2008), Aroldo Rodrigues, Eveline Assmar e Bernardo Jablonsky (2009), Maritza Montero (2010) e Adolfo Pizzinato (2010). Todos esses autores entendem que o processo de autoconscientização influencia positivamente os membros de um grupo. É esta construção que foi se precipitando dentro do *Mulheres Unidas contra Bolsonaro* e fortalecendo psicologicamente uma grande parte de suas integrantes e irradiando socialmente para outros grupos e sujeitos fora do mundo virtual.

## 5. O #ELENÃO COMO GRITO DE GUERRA

De todas as ações políticas articuladas pelo MUCB na anticampanha contra Bolsonaro, a mais potente e eficiente (comprovadamente) foi a utilização de *hashtags* – que são palavras-chaves associadas diretamente a um tópico ou informação nas redes sociais –, principalmente na plataforma virtual *Twitter*, que costuma ter participação massiva dos políticos em atuação no país.

Alves (2017) explana que as *hashtags* surgiram em 2007, através da rede social *Twitter*, possibilitando a condensação de um mesmo tema de forma amplificada e possuindo várias funções. Assim, hoje as pessoas conseguem interagir rapidamente sobre um assunto e até podendo buscar mais informações apenas com a indicação da *hashtag*. Pires (2021) explica que algumas mobilizações como #MeuPrimeiroAssedio, #MeuAmigoSecreto, e pode-se acrescentar aqui o #MeToo, que tiveram esse papel inicial de mobilizar pessoas virtualmente. Contudo, em 2018 isso ganhou mais força e foi às ruas. As integrantes do grupo *Mulheres Unidas contra Bolsonaro* buscavam por uma *hashtag* que representasse Bolsonaro, mas, que não citasse seu nome para não gerar algoritmos pela *internet*, surgindo assim o “Ele Não”. Por acaso, a escolha estava sendo feita por milhares de membros quando a página foi invadida e derrubada por *hackers*, disparando a fúria das mulheres que passaram a escrever em profusão “#EleNão” em todas as suas redes sociais fora do MUCB. A adesão mundial foi imediata.

O #EleNão correspondia em sua essência a antítese de negação a tudo o que Bolsonaro representa, principalmente os seus discursos de ódio contra as mulheres e demais minorias, exatamente o que não se desejava como plataforma política e social para o Brasil. Também atendia a necessidade de não reproduzir o nome do candidato, uma vez que muitas teorias bastante difundidas acreditavam que os algoritmos da *internet* eram influenciados pela repetição dos nomes. Isso poderia ajudar no engajamento desse político nas redes sociais, o que justamente iria contra os objetivos do grupo (PIRES, 2021). Logo, a criação do #EleNão, que se tornou um verdadeiro símbolo viral difundido por celebridades, políticos e intelectuais em todas as partes do Brasil e do mundo, como Daniela Mercury, Sonia Braga e diversos outros artistas globais como Madonna, Cher, Roger Waters e pensadores como

Angela Davis. (TEIXEIRA; ABREU, 2021; CONGRESSO EM FOCO, 2018; EXTRA GLOBO, 2018; FOLHA UOL, 2018)

Sem autoria definida, uma vez que a criação das *hashtags* serem ações desempenhadas de forma coletiva durante os debates nos comentários das publicações do grupo, a utilização da *hashtag* #EleNão foi uma estratégia de comunicação tão poderosa que segue difundida até hoje, inclusive com amplo reconhecimento internacional. O que começou como um *spam* se tornou o grito de guerra das mulheres brasileiras e marca registrada para reconhecimento daqueles que lutavam contra a candidatura de Bolsonaro e desejavam não apenas outras opções presidenciais para o país, mas a simbologia para se afastar uma representação máxima de fascismo.

Michaelsen e Rosa (2020) vão além. Segundo as autoras, após as eleições de 2018, o simbolismo da grafia #EleNão deixou de ser uma mera *hashtag* e tornou-se uma expressão específica de reivindicação sobre causas diversas, mas sobretudo ligadas aos direitos humanos. As pesquisadoras afirmam:

É por isso que o Ele Não não é uma hashtag qualquer. É um fenômeno que encontrou espaço para se constituir como aglutinador e sintetizador de tudo que causa repulsa. E foi esse mesmo potencial que facilitou ainda mais a autonomia para que os atores gerassem novas apropriações, usos e sentidos. O movimento nos dá uma grande amostra sobre o comportamento dos atores em rede numa verdadeira sociedade em vias de mediação. Com o poder da circulação, de apropriação e de valorização, uma simples indexadora se tornou símbolo de um posicionamento que está além do seu próprio uso. Trata-se de um fenômeno que parte do fazer social, que perdura no imaginário coletivo e que se configura como um movimento característico da atualidade. (MICHAELSEN; ROSA, 2020, p. 15)

Portanto, muito mais do que uma ocasional *hashtag*, essa expressão ganhou notoriedade e relevância mundial, sendo alvo de diversos artigos e pesquisas acadêmicas até a atualidade, que procuram entender o quanto ações de *ciberativismo* podem ser decisivas no jogo político e na luta pelos direitos humanos. Sem falar nas manifestações que foram organizadas dentro do grupo, mas tornaram-se materialmente físicas sob o lema do #EleNão, no dia 29 de setembro de 2018. Nessa data, as mulheres no Brasil e no exterior organizaram ações de ruas em mais de cento e cinquenta cidades do Brasil e ao redor do mundo, que

culminaram na maior manifestação feminista da história mundial. (TEIXEIRA; ABREU, 2021; ABREU; MELO, 2022; PIRES, 2021; MICHAELSEN, 2020)

## 6. ATAQUE CIBERNÉTICO E VIOLÊNCIA POLÍTICA

Em contraponto à capacidade criativa e organizacional do grupo em torno da pauta do movimento #EleNão e pelos direitos humanos, era de se esperar que a direita e extrema-direita não assistissem pacificamente e inertes o crescimento da atuação das mulheres na *internet*. Menos de um mês após a sua criação, em 15 de setembro de 2018, o MUCB sofreu um ataque cibernético que o tirou do ar. (ABREU; DORNELES; GONÇALVES, 2018; CALEIRO, 2018; CARTA CAPITAL, 2018)

As contas pessoais de *e-mail*, do *WhatsApp* e do *Facebook* de três das administradoras do grupo, incluindo a fundadora Ludimilla Teixeira, foram atacadas por *hackers* mal-intencionados que invadiram o grupo e implantaram o caos, mudando o nome para *Mulheres Com Bolsonaro*, ofendendo e excluindo as participantes que protestavam, passando a divulgar materiais favoráveis ao presidente (PIRES, 2021; TEIXEIRA; ABREU, 2021). Vale destacar que o próprio Bolsonaro divulgou o grupo após a invasão, o que o colocou como suspeito de favorecimento com o crime. A criadora do grupo segue sem recuperar suas antigas redes sociais pessoais até a atualidade. (PIRES, 2021; CATRACA LIVRE, 2018)

Além dessas questões, autores como Martins (2019), Meneses e Sarriera (2005), Miranda Junior (2013), Santos (2013), Steber e Massoni (2017), Santos e Santos (2014), e, Dias, Doula e Cardoso (2017) trazem fortemente as relações contemporâneas sobre redes sociais e sociedade, e como isso impactou na participação política nas redes sociais, mas que igualmente dispararam o discurso de ódio muito presente na *internet*. No caso, esses comportamentos vinculados ao ódio e que dispararam em massa as *fake News*, são referenciados por Martins (2019), Lemos e Coelho (2019) e por inúmeros pesquisadores que estão estudando esse advento social.

Abreu e Melo (2022) completam que isto é algo que recebe um novo *status* por ser digital, mas em termos comparativos historicistas e antropológicos, é um fenômeno que caminha de forma análoga aos mesmos princípios do período do fenômeno da inquisição, e não distante, possui uma ligação direta com o advento de ascensão do fascismo e nazismo, ou seja, de extrema-direita. Pessoas unidas em

turba, instigadas por uma construção proposital oriunda de altas elites e esferas de poder sem filtro de limite, e que infelizmente, possuem correlação ao fundamentalismo religioso que tenta abraçar a política.

## **7. HISTORICIDADE, NEUROCIÊNCIA A PERCEPÇÃO DAS MULHERES DO #ELENÃO**

A percepção de perigo eminente que as mulheres do movimento #EleNão captaram com tanta intensidade possuem bases cientificamente comprovadas, e que também estão intrinsecamente ligadas à uma historicidade em triangulação: a Inquisição, a ascensão do nazifascismo na Segunda Guerra e a figura de Bolsonaro. (ABREU; MELO, 2022)

Naquele momento, apesar de Jair Bolsonaro mostrar-se abertamente misógino, machista, racista, xenófobo e LGBTQIAfóbico, e incluindo declarações abertas de que seu objetivo era de matar o máximo de pessoas que pudesse com “guerra civil” e “matar uns 30 mil” e tendo o simbolismo do “dedo de arminha” para representar fortemente essa retórica, as pessoas continuavam o apoiando. Apesar desses pontos já serem graves por eles mesmos, havia a percepção muito tangível desse grupo de resistência a respeito do imenso sofrimento a todos, inclusive que iriam cruzar de alguma forma as fronteiras do país. Por mais que as mulheres do movimento #EleNão tentassem explicar as ações e o homem em questão, elas recebiam todo tipo de ofensa em retorno como, por exemplo, o chamamento depreciativo de *loucas*, *histéricas* e *burras*. Essas e outras palavras ofensivas foram repetidas para mulheres que eram mães, avós, filhas, netas. Senhoras e jovens casadas, solteiras, viúvas, com idades que iam dos 16 aos mais de 90 anos, de várias profissões, etnias, crenças religiosas, e vertentes políticas de esquerda, direita e centro, e até que nunca se interessaram por política. Bastava apenas ser mulher e contra Bolsonaro para receber uma ou mais dessas rotulações, o que inclui o “comunista”. (ABREU; MELO, 2022)

Os sentimentos e sensações dessas mulheres uniam-se com a assustadora intuição muito visceral de que ele iria de fato ferir e matar muita gente. Contudo elas não conseguiam explicar como isso ocorreria, mas sabiam que ele provocaria um genocídio (e com essas palavras), já chamando-o previamente, em setembro de 2018, de “genocida”. O uso dessa palavra

específica e de outras narrativas análogas como “vai destruir tudo pelo caminho” como um “vírus mortal”, “nível peste negra”, “quase apocalíptico”, redigidas e faladas com essa exata estrutura, ocorria com uma constância estarrecedora. Isso era quase uma unanimidade entre as mulheres que aderiram a causa do movimento #EleNão, principalmente aquelas com mais de 35 anos, mas, quanto mais madura fosse a mulher, mais esses argumentos e percepções se intensificaram. (ABREU; MELO, 2022, p. 64-65)

O comportamento dessas mulheres surgido em conjunto possui uma explicação científica muito bem pautada na Neurociência. Abreu e Melo (2022) trazem os neurocientistas italianos Giacomo Rizzolatti et. al. (1996; 2006) para explicar isso. Os pesquisadores fizeram em 1994 uma das maiores descobertas relativas ao cérebro humano: os *neurônios-espelho*. Localizados principalmente na área cerebral pré-motora do lobo frontal, eles são responsáveis pelas interações pessoais, aprendizado da fala e andar. No espaço temporal até a atualidade, esses e outros cientistas descobriram que muitas pessoas desenvolvem isso em tal potencialidade, que os neurônios-espelho não ficam concentrados apenas em uma área, mas tornam-se um verdadeiro *sistema-espelho* por todo o cérebro. É um processo evolutivo. (ABREU; MELO, 2022)

Seu funcionamento ocorre através das funções audiovisuais, produzindo uma intensa capacidade de leitura muito rápida sobre o outro. Além de ser uma função que gera a empatia em sua maior potencialidade por alguém – e se avançada, produz dor física ao *proprietário* desses neurônios-espelho –, naqueles sujeitos que os desenvolveram em maior amplitude haverá a capacidade de *ler* com muita antecedência e exatidão, e antes de qualquer ser humano dito como *normal*, o comportamento, emoções, sentimentos, sensações, intenções e distorções de conduta de outro sujeito. (ABREU; MELO, 2022)

Isto é endossado por Marco Iacoboni et. al (2005) e se liga diretamente a outros estudos como de Adelaide Lessa (1975), que apontam para o desenvolvimento potencial de habilidades corticais em determinados indivíduos e potencialmente em mulheres, demarcador que antes não podia ser explicado com exatidão e detalhamento, mas hoje sim. Portanto, os estudos feitos a partir da fMRI (Ressonância Magnética Funcional), apontam e comprovam que os neurônios-espelho – além de outras áreas corticais – produzem um sistema de decodificação

de ações e detectam antecipadamente, seja em potencial positivo ou negativo, as intenções do indivíduo observado. (ABREU; MELO, 2022)

Logo, essa habilidade vai possuir níveis de aperfeiçoamento conforme a subjetividade de cada um. Ademais, homens ou mulheres podem desenvolvê-la, mas quem possui a maior probabilidade exponencial são as mulheres, como já citado. Contudo, nem toda mulher vai desenvolver isso. (ABREU; MELO, 2022)

Em paralelo, Doin (2010), afirma que muitos indivíduos apresentam uma disfunção no desenvolvimento desses neurônios-espelho, e por isso, não conseguem ter empatia – que seria a função básica –, ou no potencial, de perceber a intenção verdadeira do outro, de perceber o perigo iminente. Os indivíduos que não alcançam essa possibilidade, são certas crianças com determinados tipos de autismo e alguns casos de transtorno *boderline*. Contudo, há em potencialidade um terceiro caso, que são os sujeitos com estrutura de personalidade perversa e com possível agravante de transtorno de personalidade antissocial (a psicopatia). (ABREU; MELO, 2022)

Pode-se incluir outro dado: os antigos estudos a respeito do comportamento de luta e/ou fuga, e ligados à formação do cérebro primitivo animal, mais precisamente ao hipotálamo. Ele possui cerca de dois centímetros, localizado na base craniana e protegido entre os dois hemisférios cerebrais, mas na altura das órbitas oculares. Sua conexão com outros órgãos do sistema nervoso precipita o surgimento de hormônios diferenciados e ao controle de estados de sono, fome, sede, regulação de temperatura corporal, estímulo reprodutivo e comportamento agressivo e medo, e, portanto, até aos instintos de preservação diante de algo ou alguém compreendido como um predador. (CEZÁRIO, 2008; MOTTA, 2009)

Canteras, Chiavegatto, Valle e Swanson (1997) identificaram que o hipotálamo possui um grupo específico de células chamado *núcleo pré-mamilar dorsal* que possui milhares de neurônios com uma poderosa função de reação defensiva. O mau funcionamento dessas células pré-mamilar dorsal precipita na desorganização reativa do indivíduo desencadeando dois estados comportamentais: a total (ou grande) apatia de não reconhecer o perigo – e, por exemplo, até se associando ao predador –, ou um extrapolado medo que desencadeia estados de transtorno de pânico.

Enfim, durante décadas os estudos sobre o comportamento de luta e fuga diante do medo, e sobre o funcionamento do hipotálamo, eram efetuados apenas em

indivíduos machos (animais ou humanos). Contudo, mais recentemente novos testes passaram a ser aplicados com fêmeas – até em comparação com os machos – e para surpresa dos cientistas a reação foi diferente.

Lee e Harley (2012) analisaram homens e mulheres, e detectaram que o gene SRY (existente somente em indivíduos biologicamente machos) tem efeito de alto estresse no coração e cérebro de homens, e dessa forma, fazendo com que o efeito físico de aumento da pressão arterial precipite respostas mais agressivas ligadas diretamente ao tão falado movimento de luta e fuga. Já nas mulheres (biologicamente fêmeas), o gene SRY é inexistente, e, sendo assim, o sexo feminino regula suas respostas emocionais imediatas diretamente pelo estrogênio e outros hormônios ligados à estrutura feminina que controlam com certa “tolerância” determinadas dores e incômodos de ordem físicas (como as dores do parto, as cólicas menstruais, processo de menopausa, e outras). Elas tornam-se mais contidas e suas reações que venham a ser mais enfáticas, tendem a ser efetivamente diferentes. Isso impacta diretamente no impulso de não agressão imediata e mais violenta como os ocorre nos homens, e, segundo os pesquisadores, isso pode igualmente produzir nos machos uma maior incidência de determinantes relacionados às doenças psíquicas (até com reflexos físicos) como Parkinson, esquizofrenia, autismo e TDAH. Entretanto, os cientistas pontuam que o gene SRY não é o único a produzir tais comportamentos, mas ao menos já explica até as diferenças reativas entre os sexos.

Quanto mais medo um homem sente, mais ele agirá em agressividade ou fuga. Quanto mais medo uma mulher sentir, mais ela buscará a união de outras mulheres para algum tipo de ação.

Logo, por conta da constituição física e hormonal, inclusive ligadas à autopreservação, proteção de descendentes (filhos, netos e até irmãos menores) e/ou outros indivíduos que não podem se defender, fêmeas vão se unir em grupo diante de algo que considerem muito perigoso (mulheres humanas ou outras espécies animais, sobretudo os mamíferos), e assim, tendem – ao contrário dos machos – a se agregar com enfoque protetivo na tentativa de defender a si e àqueles que preza, mesmo que sem sucesso. Ao se transportar esse dado para demarcadores sócio-históricos da humanidade, poder-se-á lembrar de grupos de mulheres alheias às imposições do patriarcado e que agiam em batalha na defesa

de seus corpos, de seus filhos e de outros em suas localidades que não podiam se defender.

Os romanos, por exemplo, temiam profundamente as mulheres celtas, muito mais do que os homens desse mesmo povo (ABREU; MELO, 2022). As mulheres africanas do povo *Ndongo*, lideradas pela rainha Nzinga Mbande, são reconhecidas historicamente como destemidas guerreiras que defenderam a si e aos seus contra o invasor europeu que estuprava e escravizava (BOXER, 1948). Em outro exemplo, pode-se evocar as mulheres japonesas da ilha de Saipan:

(...) quando souberam que os soldados aliados (americanos e australianos) estavam entrando no Japão, acharam que elas e seus filhos seriam violentados. O próprio governo japonês criou o pânico, afirmando de forma mentirosa que toda a população seria violentada. Por consequência, e para manter a honra da família, jogaram todas as crianças de um penhasco e os seguiram na sequência. Ao todo, cerca de mil pessoas, entre homens, mulheres e crianças, jogaram-se de penhascos, preferindo a morte à humilhação (que lhes foi passada como inevitável). (ABREU, 2021, p. 32)

Nesta última exemplificação, ao se verem sem alternativa, essas mulheres preferiram unir-se e cometer o suicídio coletivo, mas também matando antes os mais velhos e seus filhos, na tentativa de livrá-los de uma vida traumática. A questão de luta ou fuga no entendimento feminino ganha outras dimensões.

No caso do movimento #EleNão, isso também não foi diferente, pois as mulheres uniram-se em defesa de seus corpos e dignidade gravemente ameaçadas, mas igualmente reagiram em pela preservação de outras pessoas que elas estimavam e seriam fatidicamente atingidas com os preceitos verbalizados não apenas por Bolsonaro, mas em massa por seus apoiadores.

Abreu e Melo (2022) apontam a partir desses entendimentos expostos aqui de forma muito superficial, mas tangível, que é possível compreender o porquê aquelas mulheres foram tão viscerais em suas ações de alerta, e que meses depois se mostraram mais do que corretas sobre a destruição de várias coisas e do genocídio da população. E neste último item, apesar de saber-se que diante de uma pandemia de COVID-19 haveria vítimas, posteriormente pôde-se comprovar que houve conduta proposital e de precipitação de comportamento genocida no Brasil. Ademais, quando essas mesmas mulheres diziam em 2018 que Bolsonaro era

nazifascista e suas ações seriam embasadas nessas condutas, elas sofreram mais deboche e foram ainda mais ridicularizadas.

A História e as investigações da CPIPANDEMIA (2021) no Senado Federal corroboraram com o que as mulheres do movimento #EleNão tentaram alertar de forma insistente. Concomitantemente, a pesquisadora Adriana Dias (2018; DEMORI, 2021; MEYERFELD, 2021) trouxe em 2021 as cartas que comprovam a relação de Bolsonaro com células e grupos nazifascistas desde pelo menos no ano de 2004. Ademais, ela afirma que em junho/julho do ano de 2021, o país já apresentava quinhentas e trinta células neonazistas identificadas afirmativamente, sendo trezentas e uma na região Sul, cento e noventa e três na região Sudeste, treze no Nordeste e dezoito no Centro Oeste. (ABREU; MELO, 2022)

A partir da reportagem dos jornalistas Araújo e Neto (2021), Abreu e Melo (2022) tiveram acesso aos documentos originais da Polícia Federal do Brasil e conseguidos através da Secretaria do Estado de Segurança Pública (SSP/DF), e com base na Lei de Acesso à Informação. Os dados apontam para um crescimento exponencial de crimes de apologia ao nazismo de novecentos por cento em dez anos, sendo que isso foi intensificado a partir de 2018 em todo território nacional brasileiro, e em 2020 explodiu em mais cem casos no ano. A Ouvidoria informou ainda em mensagem que o sistema da Polícia Federal informou em novembro de 2021 que havia trezentos e quarenta e sete inquéritos policiais instaurados com base no crime de apologia ao nazismo, e referentes ao período de 2003 a 2021.

Durante a profunda varredura histórica, sociocomportamental e psicopatológica de suas pesquisas – e que possui triangulação com as mulheres (do movimento #EleNão), negacionismo e o avanço da extrema-direita nazifascista no Brasil –, Abreu e Melo (2022) miram na importância do controle da mulher dada na ascensão do nazismo:

Observe que essa condução é a cria aprimorada da eliminação de indivíduos específicos que foram apresentados no capítulo anterior sobre a inquisição. Os pobres, os doentes, os idosos, os aleijados ou com qualquer tipo de deficiência física ou mental, os diferentes, os judeus. Aqui, foi mais vantajoso a bruxa não ser destruída com os outros em potencialidade, mas convencê-la de que ela era muito importante para algo muito maior. A figura da mulher acabou sendo usada como ferramenta de alta procriação para a edificação de um exército – como as sabinas na criação de Roma – e de ajuda no controle para o restante do grupo, incluindo o expurgo dos

indesejáveis, mesmo que fossem também outras mulheres.  
(ABREU; MELO, 2022, p. 308)

Em outro momento, as pesquisadoras reforçam sobre esse lugar propositalmente criado para silenciar e desqualificar as mulheres:

A misoginia era justificada na loucura e na bruxa pelo estigma da histeria, e foi assim desde Cassandra. Hillman cita que, quando a mulher recebia o rótulo médico de adoecimento por histeria, ela ganhava a fisiologia do defeito em sua condição de mulher e portadora de um útero, saindo das forças satânicas e tornando-se a louca que igualmente precisava ser contida e silenciada. Logo, a misoginia está o tempo todo ali tentando se justificar de alguma forma. O autor evoca a historiadora de Medicina, Dra. Esther Fischer-Homberger (apud HILLMAN, 1984, p. 224), com uma frase de sua tese de doutorado: “Sempre que o diagnóstico é de histeria, a misoginia não está longe”. (ABREU; MELO, 2022, p. 57)

Aliás, a desqualificação do feminino que estivesse ligado ao movimento #EleNão surgia não somente nos insultos e às vezes nas agressões físicas, mas era efetivamente nas palavras que isso tomava força. Muitos trabalhos inclusive foram efetuados para analisar essa modalidade de comportamento misógino. Silva (2019) é uma dessas pesquisadoras que vem falar sobre o apagamento do movimento e do feminino com o impulsionamento do #EleSim, e tentando superar o que vinha ocorrendo com o #EleNão. Por outro lado, corroborando com Rizzolatti et. al. (1996; 2006) e Iacoboni et al. (2005), Rodrigues (2019) disserta sobre o efeito do cérebro justamente com a empatia gerada pelos neurônios-espelho e como a falta disso em muitos indivíduos impactou nos ataques às mulheres do movimento #EleNão. Ela reforça que em indivíduos com ausência ou deficiência nessa rede neuronal, além da pessoa produzir uma série de ataques (muitas vezes verbais) ao outro, igualmente concebe um bloqueio para receber e aceitar novas informações, ou seja, só ouve o que quer, quando quer, e se quiser. Logo, sujeitos não empáticos fazem exatamente isso, e eis o desafio de se ensinar a empatia, pois se um indivíduo possui a dificuldade fisiológica da não produção ou baixa produção de neurônios-espelho, outros tantos não são ensinados e/ou estimulados a desenvolvê-los, mesmo sendo cabível.

Portanto, muitas das mulheres do movimento #EleNão, perceberam antecipadamente as exatas conduções de acontecimentos, e muito antes de se apresentar qualquer prova ou haver uma conduta de destruição de patrimônios ambientais ou instituições, e sua proposital condução genocida com o advento da pandemia de COVID-19. Abreu e Melo (2022) alertam que entender a existência desse imbricamento psicofísico de determinados indivíduos, e unificado com aspectos históricos e sociológicos, explica determinados aspectos de condução da influência patriarcal na construção dos comportamentos sexistas e machistas para conter e silenciar mulheres. A própria depreciação da figura feminina colocada como “louca” ou “histérica”, termos esses inclusive que foram usados contra as manifestantes do #EleNao apontam para os padrões de coerção de sociedades com fundamentalismo e hiper conservadorismo pulsante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão norteadora para o presente artigo – por que e como mulheres com diferenças socioculturais e historicidades divergentes uniram-se colaborativamente alertando para o mesmo perigo e gerando o movimento #EleNão? – pôde ser respondida satisfatoriamente e se sustentando na hipótese preliminar. Efetivamente quanto maior o alcance de desenvolvimento e fortalecimento psíquico de um indivíduo com reconhecimento de si e de mundo, ou seja, sua responsabilidade no bem-estar grupal, maior será sua potencialização cortical de aprendizagem, e sensorial e perceptiva a respeito de determinados sujeitos e acontecimentos, sobretudo aqueles que geram dano à vida.

Assim, o objetivo geral fundamentado na compreensão das diferentes demandas que unificaram esse processo grupal feminino de ativismo democrático tinha efetivamente ligação direta com os teóricos evocados e que dissertaram a respeito da participação política nas redes sociais, educação e os comportamentos psicológicos de unificação de grupo e reconhecimento do *eu*, e como as relações intergrupais discriminatórias podem atuar em grupos diferenciados ou em um específico. Todas as bases que precipitam primordialmente os ataques sexistas e misóginos, racistas e LGBTQIAfóbicos apontam para a construção do patriarcado e fortalecido na atualidade pela extrema-direita no Brasil.

Colocar mulheres no espaço de silenciamento pelo rótulo de *loucas* e *estúpidas* – sobretudo o primeiro – e depreciando a moral, é mais antigo do que se pensa, e aponta não apenas para uma enorme misoginia, mas tem o propósito de retirar do cenário quem está atrapalhando os projetos das elites tirânicas: a mulher. O mesmo ocorre com os homens com percepção humanista que se associam em colaboração ao feminino, tornando-se algum tipo de bode expiatório. Eles são rebaixados, mas as nomenclaturas e ataques vorazes para tentar humilhar e calar é algo projetado historicamente em direção às figuras femininas.

O grupo *Mulheres Unidas contra Bolsonaro* (MUCB) que deu origem ao movimento #EleNão foi algo extraordinário e contagiante, que precipitou o surgimento de muitos outros grupos com o mesmo intuito e premissa. Juntos em forte união, é que tornaram o movimento uma realidade tão tangível que igualmente fomentou a modificação comportamental de milhares de mulheres que nunca nem sequer se percebiam como feministas ou tiveram coragem para lutar por uma causa social e humanitária tão grande, o que, por consequência, fomentou a edificação de um autoconhecimento muito rápido em várias mulheres.

Hoje, o *Mulheres Unidas contra Bolsonaro* segue o crescimento da utilização da *internet* em todas as camadas da sociedade, possibilita a monitoração de casos de violência contra mulheres que fazem parte desse espaço virtual, presta apoio, busca contatos com órgãos públicos e organizações não governamentais para fazer encaminhamentos dos casos e conseguir ajuda. As atividades sociais e as ativistas prezam pelo fortalecimento dessa rede de apoio e aprendizado de consciência sociopolítica, e reformulação de conceitos de preconceito e discriminação adquiridos da educação familiar e social que adocece a todos. Ademais, o esforço da equipe de administração do grupo em estar sempre em constante atualização profissional e acadêmica corrobora para que ele seja um espaço que precipite efetivamente as bases dos Direitos Humanos.

O grupo vem como auxiliar nas condutas de educação social, permitindo que todos os membros e administração possam trocar experiências que ampliam a elaboração de conceitos de que *eu sou porque somos*, da filosofia africana do *ubuntu*. Desse pensamento maior de que *o meu eu* possa ser muito maior se o outro também estiver bem. Cada indivíduo tem a oportunidade de fazer com que seu pequeno mundo seja melhor, e todos pequenos mundos reunidos fazem um lugar esplendoroso. Nesse interim a movimentação feminina e feminista gerada do

#EleNão mostrou o poder de união de grupos psicológicos minoritários, mas que são majoritários demograficamente. Mulheres, LGBTQIA+, negros, indígenas: os quatro potenciais grupos atacados massivamente que podem ter força e voz, e, portanto, compreendendo o poder da organização, unificação de indivíduos e círculos diferenciados. Ademais, se usada com sapiência, a *internet* pode ser uma rápida e eficaz ferramenta de lutas, grandes aprendizados e trocas positivas, seja no universo virtual ou naquele materializado nas ruas e mundo real.

As mulheres do movimento #EleNão foram capazes de perceber a catástrofe sociopolítica nacional e em genocídio, antecipadamente ao advento da COVID-19 e outras questões, e se levantaram para apontar os perigos ao comando de Jair Bolsonaro, porque muitas delas sabiam reconhecer isso de longe, até porque, elas igualmente sabiam o que é conviver com o medo e a destruição em seus universos pessoais familiares.

O córtex cerebral de muitas dessas mulheres mais intuitivas e assertivas sofreu uma evolução, e seu desenvolvimento – apesar de subjetivo e em níveis para cada uma –, efetivamente existe e é comprovado pela neurociência. O processo de reconhecimento de outras em igualdade dentro do grupo, gerou um maior amadurecimento pessoal e grupal, levando-as a descobrir coisas sobre si e o outro, que as fizeram evoluir mais. Mesmo sendo atacadas visceralmente, elas se sentiram acolhidas em igualdade diante da corrente do #EleNão, e isso as fortaleceu. Ademais, o ataque que elas sofreram em misoginia foi proporcional ao possível medo dos agressores ao detectarem essa força em movimento uno e feminino. Apesar de tudo, agora todas podem ter a certeza e com bases científicas comprovadas, de que quando elas avisaram o porquê #EleNão, estavam completamente corretas.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Liliâne Alcântara de. **Silenciadas**: o universo da violência sexual intrafamiliar. Lisboa: Sagarana, 2022. ISBN: 978-989-53173-6-3.

\_\_\_\_\_; MELO, Natalia Sayuri. **Complexo de Cassandra**: o adoecimento do saber diante de uma sociedade alienada e negacionista. Lisboa: Sagarana, 2022.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, Lucy. **O funcionamento discursivo das hashtags pela/na tv.** 2017. 122 f. Dissertação (mestrado em letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29672>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

BARAJAS, Karina Bárcenas. *#EleNãO (Él no): tecnofeminismo interseccional en Brasil frente al ascenso del neoconservadurismo evangélico y el posfascismo.* **Alteridades**, vol.30. no.59; Ciudad de México ene./jun. 2020. Epub 02-Feb-2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.24275/uam/izt/dcsh/alteridades/2020v30n59/barcenass>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

BOXER, C. R. "Salvador Correia de Sá e Benevides and the Reconquest of Angola in 1648." **The Hispanic American Historical Review**, vol. 28, no. 4, 1948, pp. 483–513. JSTOR. Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/2507790>>. Acesso em: 29 ago. 2022.

CANTERAS, N.S.; CHIAVEGATTO, S.; VALLE, L.E. Ribeiro do; SWANSON, L.W. *Severe reduction of rat defensive behavior to a predator by discrete hypothalamic chemical lesions.* **Brain Res Bull.** 1997;44(3):297-305. doi: 10.1016/s0361-9230(97)00141-x. PMID: 9323445. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S036192309700141X?via%3Dihub>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

CARLINI, Angélica. **Direitos Humanos.** São Paulo: Editora Sol, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Seminário Internacional sobre Racismo, Xenofobia e Gênero. **Revista LOLA Press**, nº 16, novembro 2001. Durban, África do Sul: Lolapress, 2001.

CEZARIO, A.T., RIBEIRO-BARBOSA, E.R.; BALDO, M.V.C.; CANTERAS, N.S. *Hypothalamic sites responding to predator threats – the role of the dorsal premammillary nucleus in unconditioned and conditioned antipredatory defensive behavior.* **European Journal of Neuroscience.** v. 28, n. 5, p.1.003-15. 2008. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1460-9568.2008.06392.x>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

CPIPANDEMIA – CPI da Pandemia. Relatório Final do Senado Federal. **Senado Federal.** Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia; Requerimentos nos 1.371 e 1.372, 2021. Disponível em: <[https://download.uol.com.br/files/2021/10/3063533630\\_relatorio\\_final\\_cpi\\_covid.pdf](https://download.uol.com.br/files/2021/10/3063533630_relatorio_final_cpi_covid.pdf)>. Acesso em: 11 dez. 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Observando o ódio:** entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane. 2018. 1 recurso online (366 f.). Tese

(doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

DIAS, Diana Leonardo; DOULA, Sheila Maria; CARDOSO, Poliana Oliveira. Participação política nas redes sociais: um estudo com jovens universitários. **Revista Sociais & Humanas** - vol. 30 / Nº 1 – 2017. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/24940>>. Acesso em: 19 jun. 2020.

DOIN, Carlos. Psicossomática e neurociência. In: MELLO-FILHO, Julio de; BURD, Miriam. (ORG). **Psicossomática hoje**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 510-521

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IACOBONI, Marco. *Understanding others: Imitation, language and empathy*. In: HURLEY, Susan, CHATER, N. (Eds.). **Perspectives on imitation: From neuroscience to Social Science** (Vol. 1: *Mechanisms of imitation and imitation in animals - Social Neuroscience*). Cambridge, MA: MIT Press, 2005.

\_\_\_\_\_; MOLNAR-SZAKACS, I.; GALLESE, V.; BUCCINO, G.; MAZZIOTTA, J. C.; RIZZOLATTI, G. (2005). *Grasping the intentions of others with one's own mirror neuron system*. **Plos Biology**. 2005 Mar;3(3):e79. DOI: 10.1371/journal.pbio.0030079. PMID: 15736981; PMCID: PMC1044835.

1. KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LANE, S.T.M. O Processo Grupal. In: LANE, S.T.M.; CODO, W. (Orgs.) **Psicologia social: o homem em movimento**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p.78-98.

LEE, Joohyung; HARLEY, Vincent R. *The male fight-flight response: A result of SRY regulation of catecholamines? Insights & Perspectives*. Volume 34, Issue 6. June 2012. Pages 454-457. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/bies.201100159>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

LEONTIEV, Alexis. **O Desenvolvimento do psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LESSA, Adelaide Petters. **Precognição**. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

MAILHIOT, G. B. **Dinâmica e Gênese dos Grupos: atualidade das descobertas de Kurt Lewin**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MARTINS, Anna Clara Lehmann. Discurso de ódio em redes sociais e reconhecimento do outro: o caso M. **Rev. direito GV**. vol.15. no.1. São Paulo, 2019. Epub May 02, 2019. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/2317-6172201905>>. Acesso em: 19 jun. 2020.

MENESES, María Piedad Rangel; SARRIERA, Jorge Castellá. Redes sociais na investigação psicossocial. **Aletheia**, n. 21. Canoas jun. 2005. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n21/n21a06.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2020.

MIRANDA JUNIOR, Jaime. **Redes sociais e a educação**. Especialização mídias na educação. 2. ed., Florianópolis, IFSC. 2013.

MICHAELSEN, Martina Belotto. **Construção de sentidos a partir da circulação do movimento Ele Não**. 162 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2020.

\_\_\_\_\_; ROSA, Ana Paula da. **EleNão**: mais do que uma hashtag, uma expressão. Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1050-1.pdf?fbclid=IwAR2xt1cDh--g74lrpjrIH20Gasuws9zM3A9FDiUwBl8sM3eSc4etcf1WyME>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

MONTERO, Maritza. A tensão entre o fortalecimento e as influências alienadoras no trabalho psicossocial comunitário e político. In: LACERDA, JR; GUZZO, R.S.L. **Psicologia & Sociedade**: interfaces no debate sobre a questão social. Campinas: Alínea, 2010. p. 65 - 82.

MOTTA, S.C. *et al.* *Dissecting the brain's fear system reveals the hypothalamus is critical for responding in subordinate conspecific intruders*. **PNAS**. v. 106, n. 12, p. 4.870-875. 24 mar. 2009. Disponível em: <<https://www.pnas.org/doi/full/10.1073/pnas.0900939106>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

PIRES, Desirée de Oliveira. **Educação e ativismo de mulheres nas redes sociais: um estudo sobre o Movimento #EleNão**. 2021. 200 f. Dissertação (mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio Grande/RS, 2021. Disponível em: <<https://argo.furg.br/?RG001468327>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

PIZZINATO, Adolfo. Psicologia da Libertação. In: SARRIERA, J.C.; SAFORCADA, E.T. **Introdução à Psicologia Comunitária**: bases teóricas e metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 113-138.

RIZZOLATTI, G.; FOGASSI, L.; GALLESE, V. (2006). *Mirrors of the Mind*. **Scientific American**, 2006 Nov; 295(5):54-61. PMID: 17076084. DOI: 10.1038/scientificamerican1106-54.

\_\_\_\_; FADIGA, L.; GALLESE, V.; FOGASSI, L. *Premotor cortex and the recognition of motor actions*. **Brain Res Cogn Brain Res**. 1996 Mar;3(2):131-41. PMID: 8713554. DOI: 10.1016/0926-6410(95)00038-0

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKY, Bernardo. **Psicologia Social**. ed. 27. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 97-146; 147-176.

RODRIGUES, Odhara Caroline. **#EleNão**: um estudo do fracasso das manifestações feministas contra a candidatura de Jair Bolsonaro a partir da linguística cognitiva de Lakoff. (39 f.). Especialização, em Mídia, Informação e Cultura. Universidade de São Paulo – USP. Escola de Comunicações e Artes. Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação. São Paulo, 2019. Disponível em: <[http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/odhara\\_caroline\\_rodrigues.pdf](http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/odhara_caroline_rodrigues.pdf)> . Acesso em: 27 ago. 2022.

SANTOS, Valmaria Lemos da Costa; SANTOS, José Erimar dos. As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas. **HOLOS**, Ano 30, Vol. 6. 2014. DOI: 10.15628/holos.2014.1936. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1936>>. Acesso em: 19 jun. 2020.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione; PINHEIRO, Naira Leticia Giongo Mende. Movimento #EleNão: reconhecimento e afirmação do ato de fala das mulheres na política. **Educação**, [S. l.], v. 45, n. 1, p. e59/ 1–17, 2020. DOI: 10.5902/1984644436458. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/36458>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

SILVA, Jamile Maria de Fátima da. O movimento “#ELENÃO” e seu apagamento discursivo sob a contranarrativa do “#ELESIM”. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 17–28, 2021. DOI: 10.21680/1517-7874.2021v23n1ID21275. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/21275>. Acesso em: 27 ago. 2022.

STUEBER, Ketlen; MASSONI, Luis Fernando Herbert; MORIGI, Valdir Jose. Direitos humanos, redes sociais e informação: reflexões sobre o papel do Humaniza Redes. **Alabastro**: revista eletrônica dos discentes da Escola de Sociologia e Política da FESPSP, São Paulo, ano 5, v. 1, n. 9, 2017, p. 90-103. Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/172673/001060164.pdf?sequencia=1>>. Acesso em: 19 jun. 2020.

TEIXEIRA, Ludimilla Santana; ABREU, Liliane Alcântara de. Os desafios da educação em direitos humanos no século XXI: a contribuição do MUCB no autoconhecimento e desenvolvimento sociopolítico de mulheres através das redes sociais. In: **Anais de Artigos Completos do V CIDHCoimbra 2020** - Volume 3 / César Augusto R. Nunes et. al. (orgs.) [et al.] – Campinas / Jundiaí: Editora Brasília / Edições Brasil / Editora Fibra, 2021. p. 287-300. ISBN: 978-65-89537-03-8 / 978-65-86051-32-2. Disponível em: <[https://a3ec55aa-1c0f-448d-a555-bf0db2483a45.filesusr.com/ugd/8f3de9\\_a7f1803236524ca9ab555127967481aa.pdf](https://a3ec55aa-1c0f-448d-a555-bf0db2483a45.filesusr.com/ugd/8f3de9_a7f1803236524ca9ab555127967481aa.pdf)> . Acesso em: 10 jan. 2022.

VIEIRA, Emanuel Vieira; XIMENES, Verônica Moraes. Conscientização: em que interessa este conceito à psicologia. **Psicologia e Argumento**, Curitiba, v. 26, n. 52, p. 23-33, 2008. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/324630701\\_CONSCIENTIZACAO\\_Em\\_qu\\_e\\_interessa\\_este\\_conceito\\_a\\_psicologia](https://www.researchgate.net/publication/324630701_CONSCIENTIZACAO_Em_qu_e_interessa_este_conceito_a_psicologia)>. Acesso em: 25 jun. 2020.

VYGOTSKY, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

## REPORTAGENS

ABREU, Mariana; DORNELES, Luana; GONÇALVES, Viviane. “Mulheres Unidas contra Bolsonaro”: muito além do ataque cibernético. **Diplomatique**. 21 set. 2018. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/mulheres-unidas-contrabolsonaro-muito-alem-do-ataque-cibernetico/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

ARAÚJO, Beatriz; NETO, José BritoVital. Casos de apologia ao nazismo aumentam 900% em dez anos, de acordo a PF. **CNN**. São Paulo, 25 out. 2021, às 15:16. Atualizado 15:24. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/branded-content/nacional/casos-de-apologia-ao-nazismo-aumentam-900-em-dez-anos-de-acordo-a-pf/>>. Acesso em: 26 out. 2021.

BASÍLIO, Patrícia. Grupo "Mulheres com Bolsonaro" reúne mais de 440 mil integrantes em dois dias. **Época**. 13 set. 2018; 19h22. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2018/09/grupo-mulheres-com-bolsonaro-reune-mais-de-440-mil-integrantes-em-dois-dias.html>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

BECKER, Fernanda. “Mulheres Contra Bolsonaro”, os dilemas de ser ativista no Facebook. **El País**. 21 set. 2018; 22h41. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/18/politica/1537306482\\_201081.html/](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/18/politica/1537306482_201081.html/). Acesso em: 04 nov. 2021.

BOLSONARO está na mira de sete investigações no STF e no TSE: conheça os detalhes e o andamento. **Extra Globo**. 06 ago. 2021; 07h29. <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/bolsonaro-esta-na-mira-de-sete-investigacoes-no-stf-no-tse-conheca-os-detalhes-o-andamento-25143439.html>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

CALEIRO, João Pedro. Grupo "Mulheres Unidas contra Bolsonaro" sofre ataque de hackers. **Exame**. 16 set. 2018; 09h43. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/grupo-mulheres-unidas-contrabolsonaro-sofre-ataque-de-hackers/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

CORREGEDOR eleitoral pede que Bolsonaro se manifeste sobre suspeita de lavagem. **CONJUR**. 16 set. 2021; 17h50. <<https://www.conjur.com.br/2021-set->

16/tse-manda-pf-mpf-investigarem-lavagem-acao-bolsonaro/>. Acesso em: 04 nov. 2021.

CRIADORA do grupo contra Bolsonaro: ‘Sou uma sequestrada digital’. **Catraca Livre**. 17 set. 2018. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/criadora-do-grupo-contra-bolsonaro-sou-uma-sequestrada-digital/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

CHADE, Jamil. Movimento de mulheres avalia se transforma em Partido com cotas invertidas. **UOL Notícias**. 2019. Disponível em: <<https://jamilchade.blogosfera.uol.com.br/2019/03/08/movimento-feminino-avalia-se-transformar-em-partido-com-cotas-invertidas/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

DE Sônia Braga a Madonna: mulheres repudiam Bolsonaro no Brasil e no Exterior. **Congresso em Foco**. 29 set. 2018; 13h36. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/direitos-humanos/de-sonia-braga-a-madonna-mulheres-repudiam-bolsonaro-no-brasil-e-no-exterior/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

DEMORI, Leandro. Pesquisadora encontra carta de Bolsonaro publicada em sites neonazistas em 2004. **The Intercept Brasil**. 28 jul. 2021, 19h28. Disponível em: <<https://theintercept.com/2021/07/28/carta-bolsonaro-neonazismo/?fbclid=IwAR2kQThb1EeYEFiKlgAXArsTPH85gbUfCk16yymDMfSgGGG7MnJfR9IC4xU>>. Acesso em: 28 jul. 2021.

FIFDH Genève 8-17 mars 2019. 17e Festival du film et forum international sur les droits humains. **FIFDH**, 2019. Programme. p. 27; 87. Disponível em: [https://fifdh.org/fileadmin/user\\_upload/Documents/Programme/Magazine\\_FIFDH2019.pdf](https://fifdh.org/fileadmin/user_upload/Documents/Programme/Magazine_FIFDH2019.pdf). Acesso em: 04 nov. 2021.

\_\_\_\_. **FIFDH**. 2019. Rapport D'Activité. p. 46. Disponível em: <[https://fifdh.org/fileadmin/user\\_upload/Documents/Archives/Archives\\_Rapport\\_dactivite/FIFDHRapport\\_dactivite\\_2019-min.pdf](https://fifdh.org/fileadmin/user_upload/Documents/Archives/Archives_Rapport_dactivite/FIFDHRapport_dactivite_2019-min.pdf)>. Acesso em: 04 nov. 2021.

GOMES, Martina; FERRARO, Silvia. Por que são as mulheres que vão derrubar Bolsonaro? **Esquerda Online**. 02 jul. 2019. Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2020/06/13/neste-domingo-participe-acao-mulheres-derrubam-bolsonaro-twitaco-ele-nao-manifesto/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

GRUPO “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro” sofre ataque no Facebook. **Carta Capital**. 16 set. 2018; 09h30. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/Politica/grupo-201cmulheres-unidas-contra-bolsonaro201d-sofre-ataque-no-facebook/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

JANSEN, Roberta; LAGO, Cecília do. Mulheres se unem nas redes contra Bolsonaro. **Estadão**. 13 de set. 2018. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,mulheres-se-unem-nas-redes-contra-bolsonaro,70002500084/>>. Acesso em 04 nov. 2021.

JORNAL francês destaca renovação da esquerda brasileira. **Carta Capital**. 31 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/jornal-frances-destaca-renovacao-da-esquerda-brasileira/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

MADONNA e Cher se posicionam contra Bolsonaro com hashtag #EleNão. **Folha UOL**. 2018. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2018/09/madonna-e-cher-se-posicionam-contrabolsonaro-com-hashtag-elenao.shtml>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

MADONNA e Cher se posicionam contra Jair Bolsonaro: '#EleNão'. **Extra Globo**. 28 set. 2018. Disponível em: <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/musica/madonna-cher-se-posicionam-contrajair-bolsonaro-elenao-23110154.html>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

MARQUES, Francisco. Milhões de brasileiras "unidas contra Bolsonaro" na internet. **Euronews PT**. 15 set. 2018. Disponível em: <<https://pt.euronews.com/2018/09/14/milhoes-de-brasileiras-unidas-contrabolsonaro-na-internet/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

MEYERFELD, Bruno. *Dans le Brésil de Jair Bolsonaro, des néonazis de plus en plus visibles et décomplexés*. **Le Monde**. Publié le 11 oct. 2021; 00h39. Disponível em: <[https://www.lemonde.fr/international/article/2021/10/11/dans-le-bresil-de-jair-bolsonaro-des-neonazis-de-plus-en-plus-visibles-et-decomplexes\\_6097845\\_3210.html](https://www.lemonde.fr/international/article/2021/10/11/dans-le-bresil-de-jair-bolsonaro-des-neonazis-de-plus-en-plus-visibles-et-decomplexes_6097845_3210.html)>. Acesso em: 10 dez. 2021.

MOTA, Erick. Movimento Mulheres Derrubam Bolsonaro é lançado e quer impeachment. **Congresso em Foco**. 10 jun. 2020. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/ao-vivo-movimento-mulheres-derrubam-bolsonaro-e-lancado-e-quer-impeachment/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

MULHERES Unidas contra Bolsonaro. **MUCB**. 2021. Disponível em: <<https://mucb.com.br/>> Acesso em 04 nov. 2021.

NETO, Paulo Roberto. "MULHERES contra Bolsonaro": TSE aprofunda investigação sobre ataque hacker. **Poder360**. 30 set. 2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/justica/mulheres-contrabolsonaro-tse-aprofunda-investigacao-sobre-ataque-hacker/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

PERON, Isadora. Barroso diz que deve pautar ação que pede a cassação da chapa Bolsonaro Mourão. **Valor Globo**. 26 mai. 2019. Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/05/26/barroso-diz-que-deve-pautar-acao-que-pede-a-cassacao-da-chapa-bolsonaro-mourao.ghtml>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

ROSSI, Amanda; CARNEIRO, Julia Dias; GRAGNANI, Juliana. #EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. **BBC News Brasil** em São Paulo, Rio de Janeiro e Londres. 30 set. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

TRIBUNAL inicia julgamento de ações contra a chapa Bolsonaro-Mourão. **TSE**, Tribunal Superior Eleitoral. 26 out. 2021. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2021/Outubro/tribunal-inicia-julgamento-de-acoes-contr-a-chapa-bolsonaro-mourao/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

WANDELLI, Raquel. Mulheres Unidas Contra Bolsonaro denunciam à ONU violação de direitos humanos. **Jornalistas Livres**. 10 mar. 2019. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/mulheres-unidas-contr-a-bolsonaro-denunciam-violacao-de-direitos-humanos-na-onu/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

**NOTA:**

*[1] El tecnofeminismo generado desde el grupo en Facebook Mujeres Unidas contra Bolsonaro visibilizó una agenda interseccional que encuentra puntos de convergencia en las críticas a un sistema político-económico neoliberal en el que se sitúan las raíces del neoconservadurismo evangélico y el posfascismo presente en Brasil que vulnera, estigmatiza y discrimina.*

*Las diversidades y la eliminación de las desigualdades que encarnan las mujeres que formaron parte de este grupo no son posibles en un sistema de este tipo que, por sus expresiones ideológicas, como las antes mencionadas, obstaculiza el avance de la democracia, así como el fortalecimiento de Estados laicos en los que la igualdad en la diferencia y el derecho a decidir sobre el propio cuerpo, en sus diversas modalidades, estén garantizados. (BARAJAS, 2020, p. 55)*

## **Capítulo 4**

# **O TRABALHADOR ESCRAVO E SUAS CONQUISTAS ENQUANTO DOMÉSTICO AO LONGO DO TEMPO**

*Gabriel da Silva*

## O TRABALHADOR ESCRAVO E SUAS CONQUISTAS ENQUANTO DOMÉSTICO AO LONGO DO TEMPO

**Gabriel da Silva**

*Advogado: Mestrando em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGAd) da Universidade Federal Fluminense (UFF); Pós-Graduado em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho; Especialista em Direito Previdenciário, Especialista em Direito Tributário, Especialista em Direito Processual Civil.*

**Resumo:** Este trabalho tem o objetivo de demonstrar a história do trabalhador escravo e suas conquistas enquanto doméstico, após a chegada da família real portuguesa ao Brasil, tratando os trabalhadores domésticos como inferiores. Enfatizando o trabalho doméstico por possuir grande importância na economia. Explorando as conquistas significativas, sobretudo do ponto de vista da inclusão social, reforçando os fundamentos da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no seu artigo 1<sup>a</sup>, inciso III - dignidade da pessoa humana, e inciso IV do mesmo diploma - valor social do trabalho. Tratando repercussões negativas; como aumento de desemprego, desgastes das relações domésticas, piora das condições de trabalho, no mínimo, descumprimento da lei, e sua não eficácia. Igualmente, o amadurecimento da lei, levando patrões e empregados a adotarem as medidas necessárias para se adaptar à nova realidade. As garantias previstas na Consolidação das Leis do Trabalho ao empregado, não possui o condão de vangloriar da inteligência da nova lei, salientando as vantagens introduzidas nos contratos da categoria profissional, fazendo uma breve análise das questões circunstanciais que normalmente não são colocadas em debate, mas que ao final contribuíram para novos direitos.

**Palavras-chave:** Igualdade de Direitos, Legislação Trabalhista, Jurisprudência, História.

**Abstract:** This work aims to demonstrate the history of the slave worker and his achievements as a domestic, after the arrival of the Portuguese royal family in Brazil, treating domestic workers as inferior. Emphasizing housework as it has great importance in the economy. Exploring the significant achievements, especially from the point of view of social inclusion, reinforcing the foundations of the Constitution of the Federative Republic of Brazil of 1988, in its article 1, item III - dignity of the human person, and item IV of the same diploma - social value of work. Treating negative repercussions; such as increased unemployment, strain on domestic relations, worsening working conditions, at least, non-compliance with the law, and its ineffectiveness. Likewise, the maturing of the law, leading employers and employees to adopt the necessary measures to adapt to the new reality. The guarantees provided for in the Consolidation of Labor Laws to the employee, do not

have the power to boast of the intelligence of the new law, highlighting the advantages introduced in professional category contracts, making a brief analysis of circumstantial issues that are not normally discussed, but which in the end contributed to new rights.

**Keywords:** Equal Rights, Labor Legislation, Jurisprudence, History.

## INTRODUÇÃO

Com a Abolição da Escravatura, em 1888, a maioria dos escravos que trabalhavam diretamente com os seus senhores permaneceram com situação inalterada, ou porque faltavam opções de trabalho remunerado para os libertos ou porque se acomodaram a sua situação – muitas vezes, afeiçoando-se à família que o comprara, sendo comum serem libertados e, ainda assim, permanecerem nas mesmas atividades.

A tratativa histórica da sociedade colonial, quando o escravo de confiança deixava a senzala e passava a servir diretamente ao senhor e sua família na casa-grande, atuando essencialmente no ambiente familiar de seus patrões, a condição de escravo se mantinha inalterada.

A transformação histórica dos direitos trabalhistas dos empregados domésticos advindo do contrato de trabalho celetista – de quem o contrato de trabalho doméstico herdou os traços de personalidade mais marcantes – nunca foi exigida a formalidade exacerbada, não podendo o seu descendente ultrapassar os limites da razoabilidade e gerar normas disformes, com qualidades distanciadas do cromossoma de seu genitor. Forçosamente, ele teria de manter em seu DNA as características fundamentais do genoma paterno: ser bilateral, consensual, comutativo, oneroso, de trato sucessivo, *intuitu personae* e, principalmente, informal (TRT 1ª REGIÃO, 2013).

O desenvolvimento contextualizado demonstra as vantagens inseridas no contrato de trabalho doméstico por meio da Proposta de Emenda Constitucional das Domésticas, em 2013, conhecida como PEC das Domésticas, resultando na edição da Emenda Constitucional nº 72, que incluiu um dispositivo na Constituição Federal, o parágrafo único do art. 7º, onerando o bolso do empregador e gravitando em torno da economia familiar, se tornando objeto de incontáveis palestras, debates, estudos, etc. A todo o momento é refeita a pergunta que não quer calar: “PEC: quem vai pagar a conta?”

Antes que se possa exigir da PEC das Domésticas uma categoria de normas totalmente aplicáveis, o Judiciário Trabalhista será provocado várias vezes para traduzir de forma clara os novos direitos e estabelecer deveres para as partes envolvidas.

As delimitações claras da nova Lei apenas se tornarão efetivas a partir do momento em que as novas regras se tornarem objeto de disputa processual em nossos tribunais trabalhistas. O Judiciário, com sua inspiração para traduzir a realidade contratual, é quem irá estabelecer os contornos precisos das relações entre Empregador e o Empregado Doméstico.

O objetivo deste estudo é demonstrar a história do trabalhador escravo e suas conquistas enquanto doméstico, após a chegada da família real portuguesa ao Brasil, tratando os trabalhadores domésticos como inferiores. Enfatizando o trabalho doméstico por possuir grande importância na economia. Explorando as significativas conquistas, sobre o ponto de vista da inclusão social, reforçando os fundamentos da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no seu artigo 1<sup>a</sup>, inciso III - dignidade da pessoa humana, e inciso IV do mesmo diploma - valor social do trabalho.

## **HISTÓRICO DAS RELAÇÕES DOMÉSTICAS NA AMÉRICA LATINA**

Com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, o povo brasileiro criou o conceito de servidão. Conceito este que virou costume arraigado no povo, onde delega a outrem tarefa que considera mais servis, atividades menos intelectuais, tidas como inferiores.

Por tal razão, é bastante comum nas famílias brasileiras, especialmente nas classes média e alta, contratar pessoas que executam tarefas domésticas ou encaradas como menos nobres. Isso porque, comparativamente a outros países desenvolvidos, esse ainda é (ou era) um serviço considerado de baixo custo ou de custo razoável suportado pelas famílias.

Numa ideia de valores, o preço de uma faxina na Europa custa entre 70 a 100 euros, enquanto no Brasil custa entre 100,00 a 120,00 reais, nas principais capitais como Rio de Janeiro e São Paulo. Temos nas cidades do interior o mesmo labor custando metade do preço praticado nas grandes capitais.

Nos países europeus, a contratação de diarista não é um hábito amplamente observado, antes mesmo da crise econômica dos últimos anos apenas famílias ditas ricas despendiam gastos com a contratação do empregado doméstico. A classe média possui cultura de cuidar e avocar para si as atividades domésticas como algo normal, factível e possível incorporadas normalmente à rotina das pessoas, não algo presente na realidade europeia.

Importante verificar outros componentes de vida na Europa para compreender os motivos de permanência e existência desse hábito, como o tempo despendido no trabalho, isto é, o tempo fora de casa. A carga horária laboral que é inferior há “seis horas diárias” o que permite aos próprios pais levarem e buscarem os filhos na escola, por exemplo. Com mais tempo livre, conseguem se dedicar aos cuidados do lar, além disso, a boa infraestrutura de serviços, como o transporte, fazem com que não percam tanto tempo no trânsito e em engarrafamentos intermináveis, comuns nas grandes metrópoles brasileiras.

Os trabalhadores domésticos obtiveram conquistas significativas, sobretudo do ponto de vista da inclusão social, reforçados pelos fundamentos da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no seu artigo 1<sup>a</sup>, inciso III - dignidade da pessoa humana, e inciso IV do mesmo diploma - valor social do trabalho.

Talvez esses direitos, num primeiro momento, gerem algumas repercussões negativas; como aumento de desemprego, desgastes das relações domésticas, piora das condições de trabalho, no mínimo, descumprimento da lei, o que importaria na sua não eficácia. Igualmente, o amadurecimento de uma lei, ainda que demore algum tempo, poderá levar patrões e empregados a adotarem as medidas necessárias para se adaptar à nova realidade levando a igualdade social e ao crescimento da sociedade como um todo.

## **APLICABILIDADE PRÁTICA DAS NOVAS REGRAS**

As garantias previstas na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) ao empregado, não possui o condão de vangloriar da inteligência da nova lei, ou salientar as vantagens introduzidas nos contratos da categoria profissional, mas realizar uma breve análise das questões circunstanciais que normalmente não são colocadas em debate contribuindo para novos direitos.

As vantagens inseridas no contrato de trabalho doméstico por meio da PEC das Domésticas, onerando o bolso do empregador e orbitando sobre a economia familiar, vêm sendo objeto de incontáveis palestras, debates, estudos, etc. A todo o momento é refeita a pergunta que não quer calar: “PEC das Domésticas quem vai pagar a conta? ”

Naturalmente, não é por meio de artigos e opiniões abalizadas que se vai dar fim a essas dúvidas. As especulações em torno da matéria servem apenas para lançar um foco de luz nos pontos em que anteriormente pairava sombra e, em alguns casos, completa escuridão.

## **TRABALHO DOMÉSTICO E SUA ORIGEM**

Historicamente o trabalho doméstico nasceu da sociedade colonial, quando o escravo de confiança deixava a senzala e passava a servir diretamente ao senhor e sua família na casa-grande, mantendo-se esta relação de certa forma inalterada com o passar do tempo.

Mesmo após a Abolição da Escravatura, em 1888, a maioria dos escravos que trabalhavam diretamente com os seus senhores permaneceram na mesma situação, ou porque faltavam opções de trabalho remunerado para os libertos ou porque se acomodaram a sua situação – muitas vezes, afeiçoando-se à família que o comprara, sendo comum permanecerem nas mesmas atividades.

Segundo os padrões da época, o serviçal que trabalhava nas dependências da moradia de seu senhor colonial já gozava de certos benefícios, e por isso era considerado mais preparado. Existem relatos históricos de escravos que tinham um dom especial para cozinhar, costurar, bordar e cuidar das roupas de seus amos, em alguns casos, quando sabiam ler e escrever, ajudavam na elaboração da contabilidade doméstica, agindo como verdadeiros mordomos, recebendo em contrapartida, alimentação de qualidade, um teto mais confortável, convívio com a família do senhor e, eventualmente, presentes e a possibilidade de herdar as roupas e sapatos que não mais lhe servissem.

Ainda segundo a ótica míope da época, as vantagens que o trabalhador doméstico recebia já constituíam uma forma de pagamento, justificando assim os baixos salários ou mesmo sua ausência. Muitos anos se passaram até que a visão deturpada do colonizador se transformasse e passasse a reconhecer o significado

de trabalho digno e remuneração compatível, pois até recentemente era comum ouvir-se nas demandas que envolviam trabalho doméstico a defesa dos empregadores com o seguinte argumento: “Eu dava tudo a ela, roupas (usadas); comia a mesma comida que minha família, presentes no Natal, médico quando ficava doente ” (TRT 1ª REGIÃO, 2013).

Era patético observar a indignação dos empregadores quando se deparavam com o fato de o trabalhador doméstico ir à Justiça reclamar direito garantido por lei e, em muitos casos, causando-lhes revolta por ter de efetuar o pagamento, considerando a cobrança como afronta pessoal, existindo na verdade, grande relutância em se libertar do ranço colonialista para se adaptar a um tratamento igualitário (TRT 1ª REGIÃO, 2013).

Atualmente está acontecendo situação parecida, após o primeiro impacto, as partes estabeleceram um ritmo, que se mantém sem grandes modificações. Contudo, como era de se esperar com as novas regras surgiram também novas dúvidas e muitas especulações. Os profissionais do ramo e afins se beneficiaram com venda de livros de ponto, contratos de trabalho impressos, recibos de salários e outros mais, que serão esquecidos dentro das gavetas das cozinhas à medida que forem surgindo os novos contornos de fato, característica predominante dessa relação contratual.

## **CONTRATO CELETISTA E CONTRATO DOMÉSTICO**

Se do contrato de trabalho celetista – de quem o contrato de trabalho doméstico herdou os traços de personalidade mais marcante – nunca foi exigida a formalidade exacerbada, não poderia o seu descendente ultrapassar os limites da razoabilidade e gerar normas disformes, com qualidades distanciadas do cromossoma de seu genitor. Forçosamente, ele teria de manter em seu DNA as características fundamentais do genoma paterno: ser bilateral, consensual, comutativo, oneroso, de trato sucessivo, *intuitu personae* e, principalmente, informal. A doutrina e a jurisprudência são unânimes ao ressaltar o perfil informal do contrato de trabalho, destacando suas principais características: em geral, é um contrato não solene, do tipo informal, consensual, podendo ser tácito.

Dessa forma, na qualidade de filho legítimo do contrato de trabalho, o embrião do contrato de trabalho doméstico não poderia deixar de ter em sua célula primordial cromossoma dominante de seu ancestral, como ser consensual e

informal, sendo estas características adquiridas mediante transmissão genética da molécula original se desenvolvendo no ambiente familiar, onde é exercida a atividade contratual.

Diante da cristalização dos julgados, é improvável que o contrato de trabalho doméstico vá divergir de forma tão categórica de seu genitor, sob o risco de se tornar filho bastardo, exigindo o mínimo de instrumentalização formal para contratar um empregado doméstico deixando o formalismo burocrático.

## **O JUDICIÁRIO TRABALHISTA**

Jornadas de trabalho excessivamente longas, possibilidade de demissão sem direito a FGTS e seguro-desemprego eram realidades comuns no dia a dia dos cerca de 7 milhões de trabalhadores domésticos brasileiros, maior população de trabalhadores dessa categoria no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT). No entanto, com a promulgação da Lei Complementar nº. 150/2015, a categoria passou a ter direitos até então assegurados aos demais trabalhadores como a jornada de trabalho determinada em contrato, pausa para alimentação e repouso, férias de 30 dias, pagamento de adicional noturno, aviso prévio proporcional ao tempo de serviço e seguro-desemprego (CNJ,2016).

Antes da Lei Complementar nº. 150/2015, que regulamentou o trabalho doméstico, outras normas legais tentaram estabelecer direitos e obrigações do empregado e empregador doméstico, como a Lei nº. 5.859/1972, que foi revogada pela Lei Complementar nº. 150, e a Lei nº. 11.324/2006, que estabeleceu vários direitos a essa categoria, tendo ainda em 2014, a Lei nº. 12.964, que estabeleceu multas para o empregador doméstico que não cumprisse a legislação do trabalho doméstico (CNJ,2016).

As delimitações claras da nova Lei apenas se tornarão efetivas a partir do momento em que as novas regras se tornarem objeto de disputa processual em nossos tribunais trabalhistas, fazendo com que o Judiciário em sua inspiração para traduzir a realidade contratual, é quem irá estabelecer os contornos precisos das relações entre empregado doméstico – empregador. Somente após o pronunciamento da sentença do juiz singular, cuja missão é buscar a realidade dos fatos e traduzi-la em direitos e deveres, é que se poderá ter perfeita visão da

aplicabilidade da norma.

## **NORMA COLETIVA COMO INSTRUMENTO DE ADAPTAÇÃO**

O contrato de trabalho nos moldes da CLT admite a compensação da jornada de trabalho. Anualmente as cláusulas contratuais são revistas para se adequar às necessidades dos integrantes das categorias. Assim, aquelas contidas nos dissídios e convenções coletivas são as que melhor traduzem as necessidades de cada uma delas, modelando o corpo contratual de forma a respeitar seus contornos próprios.

Com o passar dos anos, as reais necessidades dos integrantes das categorias dos empregados e empregadores foram se delineando utilizando a prerrogativa da norma coletiva prevista pelo inciso XIII do artigo 7º da Constituição Federal como supedâneo adequando às necessidades da categoria.

A transformação não se deu por mero acaso, houveram discussões, processos, multas aplicadas pelos fiscais do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), até que se chegasse à conclusão de que as regras deveriam ser revistas e ajustadas conforme as necessidades dos interessados, atingindo o objetivo em sua plenitude.

É um desafio do Direito Contemporâneo que apresenta a Constituição como um sistema aberto de normas jurídicas, constituídas por regras e princípios, com eficácia plena e com a capacidade de contribuir para transformação da realidade, eliminar as barreiras existentes na vida dos trabalhadores domésticos para que essas tenham a possibilidade de ter um acesso digno à justiça e equivalente ao das demais profissões, traduzindo de forma clara os novos direitos e estabelecendo deveres para as partes envolvidas (LEITE,2019).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Levando-se em consideração a evolução do trabalhador doméstico ao longo da história na América Latina, em especial no Brasil, como categoria escrava, marginalizada e sem amparos legais que garantissem isonomia de direitos trabalhistas, proteção e segurança jurídica por parte do Estado.

Este trabalho objetivou demonstrar os contornos trazidos para o trabalhador doméstico após a chegada da família real portuguesa no Brasil, demonstrando tratamento inferior aos trabalhadores domésticos. Explorando a importância do

trabalho doméstico na economia, e suas conquistas, sobre o ponto de vista da inclusão social, reforçando os fundamentos da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no seu artigo 1<sup>a</sup>, inciso III - dignidade da pessoa humana, e inciso IV do mesmo diploma - valor social do trabalho.

O desenvolvimento contextualizado visa demonstrar as vantagens inseridas no contrato de trabalho doméstico e a tratativa histórica da sociedade colonial, quando o escravo de confiança deixava a senzala e passava a servir diretamente ao senhor e sua família na casa-grande mantendo a condição de escravo inalterada.

Mesmo com a Abolição da Escravatura, em 1888, a maioria dos escravos que trabalhavam diretamente com os seus senhores permaneceram com situação inalterada, ou porque faltavam opções de trabalho remunerado para os libertos ou porque se acomodaram a sua situação – muitas vezes, afeiçoando-se à família que o comprara, sendo comum serem libertos e, ainda assim, permanecerem nas mesmas atividades.

Os empregados domésticos conquistaram seus espaços com a transformação histórica através da implementação do contrato de trabalho advindo do contrato de trabalho celetista – de quem o contrato de trabalho doméstico herdou os traços e personalidade mais marcantes e, mantendo em seu DNA as características fundamentais do genoma paterno: ser bilateral, consensual, comutativo, oneroso, de trato sucessivo, *intuitu personae* e, principalmente, informal.

Deste modo é clara a influência da ideologia escravocrata, presente na sociedade brasileira, na tomada de decisões do judiciário em processos envolvendo as trabalhadoras domésticas, delimitando as novas regras, que se tornaram objeto de disputa processual nos tribunais trabalhistas, traduzindo pelo Judiciário a realidade contratual, estabelecendo contornos precisos das relações entre o empregado e o empregador doméstico.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Tribunal Regional do Trabalho da 1<sup>a</sup> Região**, 2013.

<https://www.trt1.jus.br/>

LEITE, Gisele. **Direito contemporâneo e a principiologia jurídica**. Postado em 23 de Janeiro de 2019.

<https://www.jornaljurid.com.br/colunas/gisele-leite/direito-contemporaneo-e-a-principiologia-juridica>

[PORTAL DO CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA](#), 2 de dezembro de 2016.

<https://www.cnj.jus.br/cnj-servico-conheca-os-direitos-do-trabalhador-domestico/>

## **Capítulo 5**

# **TENDA DO CONTO: PROFESSORES E RETALHOS DAS SUAS REALIDADES NA PANDEMIA DA COVID-19**

*Maria Helena Pereira de Oliveira Araújo*

*Laíne Louise Carvalho de Almeida*

*Maria Emília Alencar de Medeiros Lucena*

*Willy Vallent Gomes de Melo*

*Betânia Maria Oliveira de Amorim*

## TENDA DO CONTO: PROFESSORES E RETALHOS DAS SUAS REALIDADES NA PANDEMIA DA COVID-19

***Maria Helena Pereira de Oliveira Araújo***

*Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG.  
Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Saúde e Sexualidades  
- NEXUS/UFCG. E-mail: mariahelenaacademico@gmail.com.*

***Laíne Louise Carvalho de Almeida***

*Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG.  
Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Saúde e Sexualidades  
- NEXUS/UFCG. E-mail: lainelouisecda@gmail.com.*

***Maria Emília Alencar de Medeiros Lucena***

*Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG.  
Integrante do Núcleo de Psicologia Comunitária e da Saúde NUCS/UFCG. E-mail:  
emiliaamedeiros@gmail.com.*

***Willy Vallent Gomes de Melo***

*Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG.  
E-mail: willyvallent13@gmail.com.*

***Betânia Maria Oliveira de Amorim***

*Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Educação  
pela Universidade Federal de Pernambuco. Formada em Psicologia pela  
Universidade Federal da Paraíba. Professora associada da Universidade Federal de  
Campina Grande. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia,  
Saúde e Sexualidades. E-Mail: betania\_maria@yahoo.com.br.*

### **Resumo**

A pandemia da COVID-19 provocou inúmeras repercussões à saúde física e psicossocial da população brasileira. Especificamente no contexto educacional,

houve a adaptação das atividades para o meio virtual, gerando sobrecarga dos professores. Nesse sentido, objetivou-se a criação de uma rede de apoio virtual, abrindo espaço para o diálogo, para a troca de experiência e a ressignificação do sofrimento. Trata-se, portanto, de uma pesquisa-ação realizada junto aos docentes do Ensino Fundamental e Médio de instituições de ensino públicas, a partir da metodologia participativa da Tenda do Conto. Participaram da Tenda do Conto nove professores, com idade média de 37,3 anos, sendo oito mulheres. Os principais temas evocados nas falas foram: desigualdades sociais e dificuldades técnicas; luto e medo do contágio; importância da arte e outras formas de enfrentamento do desamparo frente ao contexto de pandemia; falta de reciprocidade dos alunos e falta de conexão família-escola; sensação de cansaço e desamparo frente ao ensino remoto; e desvalorização do poder público. Pelo exposto, é perceptível que há o desejo por parte dos professores de contribuir ativamente para a formação de alunos, todavia, falta-lhes um amparo que proporcione caminhos viáveis para o exercício da docência.

**Palavras-chaves:** Pandemia; Docência; Educação em Saúde; Metodologias Participativas.

### **Abstract**

The COVID-19 pandemic has caused countless repercussions to brazilians' physical health and psychosocial. Specifically in the educational system, there was the fitting of activities to the virtual environment, engendering an overload of teachers. In that regard, the objective was to create a support network, opening a space to dialogue, to an exchange of experience and to the ressignification of suffering. It is, therefore, an action-research realized with the teachers of public Elementary and Highschool institutions, from the participatory methodology *Tale Tent*. Nine teachers participated in the *Tale Tent*, with 37,3 years old of an average age, being eight women. The mains themes evoked in the speeches were: social inequality and technical hardship; mourning and contagion fear; significance of art and other ways of helplessness confrontation in front of the pandemic context; lack of reciprocity from students and absence of connection between family-school; fatigue sensation and helplessness in front of the remote teaching; and devaluation from public authority. By the exposure, it is noticeable that there is a craving on the part of teachers to actively contribute to students' training, although they lack a support which provides viable ways to the teaching prosecution.

**Keywords:** Pandemic; Teaching; Health Education; Participatory Methodology

### **Introdução**

O ano de 2020 foi marcado pela disseminação do COVID-19 no mundo inteiro - "A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca" (OPAS, 2020<sup>3</sup>). Devido às suas características de proliferação serem bastantes altas, foram

---

<sup>3</sup> Folha informativa sobre COVID-19. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>

declaradas medidas de segurança e prevenção, a exemplo do isolamento social, da utilização de máscaras, entre outras medidas necessárias para o combate ao vírus (OMS, 2020<sup>4</sup>).

Coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias, apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves (LI et. al., 2020; DONG et. al., 2020). O primeiro surgimento do novo Coronavírus aconteceu ainda em 2019, na cidade de Wuhan, na China, primeiramente ocorrendo entre frequentadores e comerciantes de um mercado atacadista de frutos do mar e de animais selvagens vivos e mortos (LI et. al., 2020; DONG et. al. 2020), desde então, o vírus se espalhou de forma exponencial por todo o mundo.

Visando diminuir o avanço frenético da doença, o Estado entra com uma série de mecanismos biopolíticos que, no intuito de combater o vírus, passando a regular o direito de ir e vir da população mediante as medidas de proteção à contaminação contra o COVID-19 (FOUCAULT apud PEREIRA, NARDUCHI & MIRANDA, 2020). Tal modelo surge como uma iniciativa de maximizar a saúde e proteger as comunidades (PEREIRA, NARDUCHI & MIRANDA, 2020).

A ação governamental surge para o gerenciamento dessas situações [...] Assim, os dispositivos de segurança pretendem ser reguladores, agindo sobre as questões epidêmicas, reduzindo os danos possíveis de serem causados por eles. Na sociedade de segurança, a preocupação está voltada para o conjunto de indivíduos e não para cada caso isolado; não se trata de sanar todos os problemas sociais, mas de reduzir os danos causados por eles e deixá-los em um nível aceitável (PEREIRA, NARDUCHI & MIRANDA, 2020, p. 226).

Em março de 2020, com os números de mortos e infectados cada vez mais altos no Brasil, os estados de todo o país adotaram a suspensão das aulas presenciais, tendo como base as recomendações da OMS, como medida de contenção do coronavírus. Posteriormente, mediante uma decisão do Ministério da Educação e Cultura (MEC) através da portaria nº 343 de 17 de março de 2020 (BRASIL, 2020), houve a normatização do uso dos meios e tecnologias de informação e comunicação, sob a alegação de não prejudicar o andamento do ano letivo durante um período inicial de 30 dias, sujeito a prorrogação. Nesse contexto

---

<sup>4</sup> Coronavirus disease (COVID-19) advice for the public. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public>>

de excepcionalidade, o Ensino a Distância (EaD), que até então era uma modalidade restrita ao ensino superior, logo tornou-se também uma realidade na educação básica, obrigando professores, alunos e famílias a se adaptarem às novas formas de aprender e ensinar em tempos de pandemia. A educação remota, no entanto, apresenta-se como uma forma acrítica, com pouca interação entre professores e alunos e, ainda, desprovida de práticas democráticas, uma vez que apenas o docente fala (BARRETO e ROCHA, 2020). Todavia, é inegável que as novas formas de promover educação durante a pandemia de coronavírus são indispensáveis, uma vez que segundo o artigo 205 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, com o incentivo da sociedade, visando o desenvolvimento pleno do indivíduo, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Em consequência de tais medidas e das implicações próprias à pandemia, a saúde psicossocial dos professores, os quais se viram obrigados a continuar com suas atividades em um cenário completamente novo e desconhecido para eles, foi profundamente afetada.

Evidencia-se o surgimento de sentimentos de medo, relacionado à perda do trabalho ou pelo próprio contágio da doença, e aumento dos níveis de estresse e ansiedade, relacionados ao aumento do labor e do enfrentamento de dificuldades com as ferramentas tecnológicas que passaram a ser necessárias no contexto da pandemia (SOUZA et al., 2020).

Conforme mencionado anteriormente, nota-se que a pandemia alterou as relações de trabalho não apenas no tocante à forma pela qual se davam, mas também evidenciou afetos e dinâmicas sociais decorrentes do ensino remoto que impactaram os docentes, submetendo-os a situações mais precárias de trabalho.

Nesse sentido, as ações de atenção e cuidado à saúde precisaram ser adaptadas ao universo online, respeitando as medidas de biossegurança. Sendo assim, os grupos de apoio e suporte mútuo, dispositivos de saúde mental reconhecidos pela OMS e pelo Ministério da Saúde, têm ganhado força no Brasil durante o ano de 2020 em razão de sua potência na criação de laços solidários, na troca de afetos e no compartilhamento de experiências entre os participantes, ainda que remotamente. Tais grupos são caracterizados por Eduardo Mourão Vasconcelos e Marcela Weck (2020) como:

espaços nos quais os participantes regularmente acolhem com empatia seus colegas de experiência comum, recriam vínculos de amizade e suporte, trocam estratégias de lidar no dia a dia com seus problemas comuns, e discutem temas relevantes previamente acordados pelo grupo. (VASCONCELOS E WECK, 2020, p. 1)

Em suma, em um país profundamente fragilizado devido à disseminação desenfreada da COVID-19, ações de acolhimento e enfrentamento às situações adversas se tornam, mais do que nunca, emergentes e essenciais.

À luz desse cenário, o presente estudo busca compreender as implicações do ensino remoto para os/as docentes do Ensino Fundamental I e II e Médio de instituições de ensino públicas, bem como possibilitar aos sujeitos da pesquisa, participantes e pesquisadores, um encontro com base na ação transformadora do diálogo e da troca de experiências.

### **Fundamentação Teórica**

Em consequência de tais medidas e das implicações próprias à pandemia, a saúde psicossocial dos professores, os quais se viram obrigados a continuar com suas atividades em um cenário completamente novo e desconhecido para eles, foi profundamente afetada. A título de exemplificação, trazemos um estudo realizado por Souza e colaboradores (2020) com 14 professoras do ensino fundamental, em que, através das suas falas, podemos perceber sentimentos como medo - relacionado à perda do trabalho ou pelo próprio contágio da doença - sentimentos que envolvem o aumento do estresse ou que causam certa ansiedade; fora questões ligadas até mesmo às demandas do trabalho, como o aumento do labor e do enfrentamento de dificuldades com as ferramentas tecnológicas que passaram a ser necessárias no contexto da pandemia.

Perante o supracitado, nota-se que a pandemia alterou as relações de trabalho não apenas no tocante à forma pela qual ele se dava em suas burocracias, mas configurou os afetos e as dinâmicas sociais que cortam esse ambiente, colocando professores em situações mais precárias e estressantes.

Nasce, então, uma das problemáticas que acompanham a biopolítica, em que, acordando com Canguilhem, citado por Caponi (2012), não se permite espaço para o corpo vivido, o corpo subjetivo, isto é:

O exercício da biopolítica supõe que, para poder governar as sociedades, basta reduzir a multiplicidade de circunstâncias próprias da condição humana a sua dimensão biológica, ao domínio vital, esse domínio que limita aos homens a sua identidade enquanto espécie. (CAPONI, 2012, p. 111).

É nesse espaço que podemos - e devemos - ressaltar a importância da educação em saúde, haja vista que é a partir dela que podemos iniciar um processo de potencialização dos processos de cuidado integral na ótica da humanização em saúde (CRUZ ET AL., 2020). Afinal, o coronavírus não afetou apenas a área da saúde de maneira geral, mas chegou a até mesmo potencializar as desigualdades sociais existentes nas sociedades. Exemplo disso reside no fato de que a doença afetou a camada mais pobre de maneira mais intensa, visto que são várias as dimensões que colocam os menos favorecidos socialmente em situações de risco, como, por exemplo, a dificuldade em manter o isolamento social sem uma perda descomunal de renda ou do próprio emprego, por exemplo (PIRES, CARVALHO & XAVIER, 2020).

Em suma, é necessário compreender que a pandemia não se limita apenas ao campo da saúde enquanto modelo biomédico de saúde-doença, haja vista que ao se falar de saúde é necessário entender que se trata de um conceito multidimensional, em que se existe uma recusa da potente instrumentalização do sujeito-paciente, nas palavras de Ayres (2007):

[...] definir a saúde como a busca contínua e socialmente compartilhada de meios para evitar, manejar ou superar de modo conveniente os processos de adoecimento, na sua condição de indicadores de obstáculos encontrados por indivíduos e coletividades à realização de seus projetos de felicidades (AYRES, 2007, p.60).

Tendo em vista o cenário pandêmico que impôs, como alternativa para a continuidade do funcionamento das escolas, o ensino remoto e a conjuntura social e política brasileira que mina avanços para a resolutividade desse contexto, a presente pesquisa justifica-se pelos desafios da docência para permitir a sobrevivência do ensino, pesquisa e extensão, bem como para adaptar-se diariamente ao novo modo de lecionar. A profissão precisou ser reinventada e a falta do “olho no olho” dificulta ainda mais todo o processo, trazendo adoecimento para essa classe trabalhadora, muitas vezes já desvalorizada no território brasileiro.

Por exemplo, de acordo com uma pesquisa desenvolvida pela Nova Escola<sup>5</sup>, realizada em maio de 2020 que contou com a participação de 9.557 docentes, os professores alegam estar com sua saúde mental comprometida, em função da demanda por produtividade que não se alinha com uma estrutura adequada para tal função. Destaca-se, ainda, que a pesquisa aponta que 30% dos professores pontuam a experiência como negativa, justificando seu posicionamento pela adaptação do formato, baixo retorno dos alunos, alta cobrança de resultados, crescimento da demanda de atendimento individual às famílias e falta de capacitação, de infraestrutura e de contato com os alunos, além de que 28% avaliam sua saúde mental como ruim ou péssima, trazendo problemas com estresse, dor de cabeça e no corpo e alergia. 68% dos participantes também relataram sofrer com ansiedade. Por fim, a pesquisa nos traz a questão de gênero, 85% da população é feminina e precisa lidar não só com as demandas do ensino remoto e as implicações da pandemia de modo geral, mas também com as tarefas domésticas e acompanhamento dos próprios filhos nas atividades, configurando uma dupla jornada de trabalho no espaço doméstico, aspecto também apontado por Souza et al. (2020).

A questão da temporalidade do trabalho também foi modificada, o tempo dedicado ao trabalho forma uma linha tênue com aquele destinado ao descanso, o espaço doméstico hoje se confunde com o espaço de trabalho, o que trouxe consequências para a saúde física, mental e emocional desses profissionais (SOUZA et al., 2020). Além disso, a excepcionalidade desse trabalho remoto não veio acompanhada de medidas protetivas que buscassem minimizar danos ao trabalhador, apresentando uma nova fase do trabalho precarizado.

Segundo uma pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (GESTRADO/UFMG) com cerca de 15 mil docentes de todas as regiões do Brasil e das redes municipais, estaduais e federais, é válido destacar que 53% afirmaram que não tiveram nenhum tipo de formação para o uso das mídias sociais no ensino remoto, menos de 30% dos docentes afirmaram ter alguma facilidade no manejo com essas ferramentas digitais. Ademais, um dado preocupante destacado na

---

<sup>5</sup> A situação dos professores no Brasil durante a pandemia. Nova Escola, 2020. Disponível em: <http://www.i-mpr.com/s/0626/e.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

pesquisa é que 17% dos professores não possuem os recursos necessários para a realização do ensino remoto.

Desse modo, propõe-se, como uma das maneiras de minimizar os danos provocados pelo ensino remoto na educação, a criação de redes de apoio virtuais, abrindo espaço para o diálogo, a troca de experiências e ressignificação do sofrimento inerente a toda a pandemia da COVID-19, norteando toda ação pelo princípio da amorosidade.

Para tanto, entende-se que tais redes sirvam como um apoio social, isto é, como formas de se relacionar com outros, de maneira a influenciar o desenvolvimento, a definição de sua personalidade, o estabelecimento de si enquanto sujeito, os comportamentos e as emoções positivamente (RIBEIRO, 2020).

Uma das maneiras possíveis para a construção dessas redes de apoio podem ser, por exemplo, a criação de Tendões do Conto virtuais, isto é, a criação de um espaço acolhedor para o compartilhamento de experiências pessoais entre o grupo, permitindo que assim se possa construir o sentimento de não só do próprio compartilhamento, mas também o da resistência ao sofrimento que a pandemia impôs e o da coletividade entre pares.

### **Metodologia da pesquisa**

Trata-se de uma pesquisa-ação promotora de cuidado realizada junto à docentes do Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio de instituições de ensino públicas cujos princípios teórico-metodológicos utilizados norteiam-se nos pressupostos da Educação Popular em Saúde, e, portanto, em ações de saúde preocupadas com a horizontalização das relações entre indivíduos, com a construção de saberes compartilhados e com a participação ativa de todos os envolvidos no processo. A metodologia participativa utilizada foi a Tenda do Conto, criada pela enfermeira Jacqueline Abrantes, em decorrência de sua potência na criação de vínculos e mobilização de afetos entre os integrantes do grupo. Essa estratégia se constitui pelas trocas de narrativas a partir do compartilhamento de objetos autobiográficos escolhidos previamente, resgatando memórias afetivas e o poder da palavra, que, nesse contexto, garante um empoderamento para quem fala e a autonomia para quem escuta os contos (FÉLIX-SOUZA et al., 2014).

Para o levantamento dos dados sociodemográficos, utilizamos um formulário elaborado através do *Google Forms*, pelo qual também foi feita a inscrição do interessado(a) na dinâmica. O formulário foi amplamente divulgado através das redes sociais dos pesquisadores, para alcançar o público-alvo: professores(as) da educação básica atualmente ativos na rede pública de ensino.

A Tenda do Conto foi realizada através do *Google Meet*, ambientado com músicas e imagens de acolhimento, para estimular a sensação de afetividade necessária para mobilização do diálogo. Contamos com o comparecimento de todos os inscritos e dos quatro pesquisadores(as) envolvidos, apenas duas participantes optaram por não fazer nenhuma participação. O encontro durou cerca de uma hora, sendo encerrado com uma fala de agradecimento pela presença e pelo trabalho que vem sendo construído na educação.

## **Resultados e Discussão**

### **Caracterização sociodemográfica**

Participaram da Tenda do Conto nove professores(as), sendo oito mulheres e apenas um homem, com idades entre 28 e 57 anos (média = 37,3 anos), dos quais sete se autodeclararam pardos(as), um(a) branco(a) e um(a) negro(a). A maioria (quatro) atuam no ensino fundamental I, três no ensino médio e dois no ensino fundamental II. Todos os participantes atuam exclusivamente na rede pública de ensino e pontuaram, em uma escala *Likert* de cinco pontos posta no formulário, que possuíam muita dificuldade com o ensino remoto: três pontuaram cinco pontos, três colocaram quatro pontos, dois marcaram três pontos e apenas um declarou dois pontos na escala.

### **Afetos evocados durante a dinâmica**

Considera-se que a proposta foi responsável por evocar conteúdos afetivos associados às vivências dos(as) participantes com relação à pandemia e à situação do sistema educacional brasileiro em sua totalidade, elucidando a realidade vivida por esses profissionais e sua saúde psicológica durante esse período, bem como possibilitou contribuições teóricas para problemática. Ressalta-se que os principais temas evocados nas falas foram: desigualdades sociais e dificuldades técnicas; luto e medo do contágio; importância da arte e outras formas de enfrentamento do

desamparo frente ao contexto de pandemia; falta de reciprocidade dos alunos e falta de conexão família-escola; sensação de cansaço e desamparo frente ao ensino remoto; desvalorização do poder público para com o trabalho dos(as) professores(as).

### **Discussão**

O patrono da educação brasileira, dentre as suas inúmeras contribuições, dimensiona um movimento profundamente dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer na práxis da docência (FREIRE, 2002, p.17). Desta forma, é meritório traçar uma reflexão crítica sobre os processos educativos, a virtualização do ensino e o cenário pandêmico. Vale salientar que, não houve uma estruturação, capacitação e adequação das dinâmicas da sala de aula para o ensino remoto, evidenciando a urgência e a necessidade de adequação da prática docente para o cumprimento dos cronogramas curriculares. Ademais, a prática dos educadores já sucedia de um contexto histórico marcado por desigualdades sociais, extensas jornadas de trabalho mal remuneradas, estresse e ausência de recursos (SILVA; CARLOTTO, 2003 apud MARTINS et al., 2021). Dentro desse cenário caótico que a pandemia impõe a todos, o desamparo, sobretudo dos professores, acaba por se tornar cada vez mais potente e mais presente nas vivências de cada sujeito.

Para Mendes e colaboradores (2021) o desamparo se caracteriza como um apelo que se direciona ao outro. Nesse sentido, seria um afeto que se apresenta em excesso em um sujeito que, no intuito de encontrar válvulas de alívio para esse afeto excessivo, busca a ajuda de um outro, contudo, a resposta a esse pedido acaba não sendo eficaz ou até mesmo inexistente, acarretando sentimento de desamparo. Nesse sentido, por meio da pesquisa-ação realizada neste trabalho, foi possível verificar como o desamparo se faz presente no cotidiano dos professores que participaram da dinâmica.

Segundo Martins et al. (2021), em torno da necessidade dos professores de continuar as suas atividades e de se reinventar, há um silenciamento dos sofrimentos e angústias desses profissionais em torno da práxis do sujeito-professor, desencadeando um desamparo discursivo que é marcado, por exemplo, na fala de uma participante que relata a ausência de reciprocidade na realização do seu trabalho e na adaptação deste ao contexto atual.

Para além dos assuntos que envolvem o trabalho docente, a vida pessoal deles também cobra atenção e permeia as suas experiências. Lidar com o risco da doença, como trouxeram alguns dos participantes, por si só promovia um misto de sentimentos como angústia e ansiedade, havendo de suportar o medo de ser infectado ou de infectar pessoas próximas, como também a perda de entes queridos no contexto da pandemia.

### **Considerações Finais**

Pelo exposto, é perceptível que há o desejo por parte dos professores de contribuir ativamente para a formação de alunos, todavia, lhes falta um amparo que proporcione caminhos viáveis para o exercício da docência. É imprescindível destacar a extrema necessidade de considerar os aspectos pessoais que perpassam a atividade docente e que potencializam o sofrimento e o desamparo desse grupo social. Além das dificuldades próprias do ensino remoto tais como a sobrecarga de trabalho, deficiências que comprometem o acesso à internet, a falta de habilidades e utilização das tecnologias digitais, verifica-se o quão tem sido causa de sofrimento as perdas pessoais, o medo do contágio decorrente da pandemia e essencialmente conciliar as demandas oriundas do mundo público e privado.

Podemos ainda perceber em como a pandemia, por mais que tenha afetado diretamente os sistemas de saúde do Brasil, não se limitou apenas a esse campo, mas que verteu também para as dinâmicas inter e intrarelacionais, colocando em xeque a maneira pela qual estávamos acostumados a lidar com as demandas dos outros e as nossas próprias.

### **Referências**

AYRES, J. R. Uma concepção hermenêutica de saúde. **Physis**: revista de saúde coletiva, v. 17, p. 43-62, 2007.

BARRETO, A. C. F.; ROCHA, D. S. **Covid-19 e educação**: resistências, desafios e (im)possibilidades. Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade - Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-11, 2020.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Brasília, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Gabinete do Ministro. **Portaria nº343, de 17 de março de 2020**. Brasília, 2020.

CAPONI, S. Classificar e medicar: a gestão biopolítica dos sofrimentos psíquicos. **Revista internacional interdisciplinar INTERthesis**, v. 9, n. 2, p. 101-122, 2012.

CRUZ, P. J. S. C.; SILVA, M. R. F.; PULGA, V. L.; MACHADO, A. M. B.; BRUTSCHER, V. J.. Educação Popular em Saúde. **Revista de Educação Popular**, p. 6-28, 2020.

DONG, Y. et al.. **Epidemiological characteristics of 2143 pediatric patients with 2019 coronavirus disease in China**. *Pediatrics*, v. 145, n. 6, 2020.

FÉLIX-SILVA, A. V.; NASCIMENTO, M. V. N.; ALBUQUERQUE, M. M. R.; CUNHAS, M. S. G.; GADELHA, M. J. A. **A Tenda do Conto como prática integrativa de cuidado na atenção básica**. Natal: Editora Universidade Potiguar - Edunp, 2014. 78 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes práticos à pratica educativa**. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 17.

LI, Q. et al.. **Early transmission dynamics in Wuhan, China, of novel coronavirus–infected pneumonia**. *New England journal of medicine*, 2020.

MARTINS, A. C. B. L. et al. **A experiência de professores no ensino remoto: dilemas, saúde mental e contextos de trabalho na pandemia**. *Expressa Extensão*, v. 26, n. 2, p. 154-160, 2021.

MENDES, E. D. S.; PIMENTA, A. M.; COSTA, A. J. D. **Psicanálise e política: análise do desamparo e o negacionismo no cenário do coronavírus (COVID-19)**. p. 39-55, 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Coronavirus disease (COVID-19) advice for the public**. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public>.

PEREIRA, A. J.; NARDUCHI, F.; MIRANDA, M. G.. **Biopolítica e Educação: os impactos da pandemia do COVID-19 nas escolas públicas**. *Revista Augustus*, v. 25, n. 51, p. 219-236, 2020.

PIRES, L. N.; CARVALHO, L.; XAVIER, L. L. COVID-19 e desigualdade: a distribuição dos fatores de risco no Brasil. **Experiment Findings**, v. 21, 2020.

RIBEIRO, K. S. Q. S. As Redes de Apoio Social e a Educação Popular: apertando os nós das redes. In: **Educação popular e promoção da saúde na atenção primária: ideias, saberes e experiências**. Editora do CCTA/UFPB. João Pessoa, 2020.

SOUZA, K. R.; SANTOS, G. B.; RODRIGUES, A. M. S.; FELIZ, E. G.; GOMES, L. ROCHA, G. L.; CONCEIÇÃO, R. C. M. ROCHA, F. S.; PEIXOTO, T. B. **Trabalho**

**Remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia.** Rio de Janeiro: Trab. educ. saúde, v. 19, 2020.

VASCONCELOS, E. M.; WECK, M. **Desafios e recomendações para a realização de atividades de ajuda mútua on-line no campo da saúde mental.** Projeto Transversões ESS-UFRJ. Quinta versão do texto em PDF, não publicado, 23 de abril de 2020.

# AUTORES

**Aba Elber George Pereira Cavalcante**

Graduando em Engenharia Mecânica pelo Centro Universitário Maurício de Nassau-UNINASSAU- Natal/RN. Graduado em Matemática - UFRN- 2012/Natal/RN.

**Betânia Maria Oliveira de Amorim**

Professora associada, vinculada a Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Coordenadora do NEXUS – Núcleo de Estudos em Psicologia Saúde e Sexualidades, espaço de discussão e produção do conhecimento, que objetiva fortalecer e fomentar estudos relacionados à Psicologia, Saúde e Sexualidades. Coordenadora do Doutorado Interinstitucional em Psicologia Clínica entre a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal de Campina Grande - DINTER em Psicologia Clínica USP-UFCG e Coordenadora do grupo de aprendizagem tutorial em Saúde Mental vinculado ao Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde PET-Saúde 2022 – Gestão e Assistência.

**Gabriel da Silva**

Advogado: Mestrando em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGAd) da Universidade Federal Fluminense (UFF); Pós-Graduado em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho; Especialista em Direito Previdenciário, Especialista em Direito Tributário, Especialista em Direito Processual Civil.

**Laíne Louise Carvalho de Almeida**

Graduanda em psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e integrante do Núcleo de estudos e Pesquisas em Psicologia, Saúde e Sexualidades (NEXUS/UFCG).

**Liliane Alcântara de Abreu**

É pós-graduanda em Terapia Cognitivo-Comportamental (PUCPR) e bacharelanda em Psicologia (UNIP-SP, com formação final em dezembro de 2022). É especialista em arteterapia (AVM/UCAM, 2015); professora especialista em Neurociência Pedagógica (AVM/UCAM, 2015); bacharela em Design com habilitação em Moda (Senai CETIQT, 2007) com especialização em Artes Visuais (Unesa, 2009) e especialização em pesquisa de comportamento e consumo (Senai CETIQT, 2013).

Foi professora do SENAI CETIQT (RJ) de 2011 a 2014 em cursos de pós-graduação, bacharelados, tecnólogo e cursos de extensão. É administradora do grupo MUCB (Mulheres Unidas Contra Bolsonaro), que criou o movimento mundial #EleNao. É responsável por toda a produção audiovisual e material de divulgação focado em ações educativas em Direitos Humanos.

**Ludimilla Santana Teixeira**

Bacharela em Comunicação Social (UCSAL-BA, 2005). Publicitária, Servidora Pública Federal do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), Educadora do Programa de Educação Previdenciária (PEP), ativista de Direitos Humanos e da Anistia Internacional (Salvador, Brasil). Militante de movimentos sociais, criadora e administradora geral do Mulheres Unidas contra Bolsonaro, grupo que criou o movimento #EleNão. Também é uma das organizadoras do Levante das Mulheres, coletivo que criou o movimento #MulheresDerrubamBolsonaro.

**Maria Emília Alencar de Medeiros Lucena**

Graduanda em psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), integrante do Núcleo de Psicologia Comunitária e da Saúde (NUCS), da Liga Interdisciplinar de Cannabis Terapêutica (LICANNT) e discente vinculada ao Programa de Educação Tutorial (PET) em Saúde, no eixo Assistência.

**Maria Helena Pereira de Oliveira Araújo**

Graduanda em psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e integrante do Núcleo de estudos e Pesquisas em Psicologia, Saúde e Sexualidades (NEXUS/UFCG).

**Sânia Maria Belísio de Andrade**

Docente no Centro Universitário Mauricio de Nassau-UNINASSAU-Natal/RN, Doutorado e Mestrado em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN, Graduação em Engenharia Têxtil pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, Graduação em Secretariado Executivo pela Faculdade de Ciências Cultura e Extensão do Rio Grande do Norte - FACEX, Especialização em Cooperativismo pela Universidade Federal do Rio Grande do

Norte – UFRN e Graduação (incompleta) em administração pela Universidade Potiguar-UNP.

**Wagner Luiz da Costa Santos**

Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University - Flórida/USA. Licenciado em Letras (UFPB) e Pedagogia (Intervale) é professor de Língua e Literatura Portuguesa na Secretaria Estadual de Educação do Estado da Bahia. Possui título de Especialista em Estudos Linguísticos e Literários (UCAM-RJ) e também em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Intervale.

**Willy Vallent Gomes de Melo**

Graduando em psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

uniatual  
EDITORA

ISBN 978-658601324-5



9 786586 013245